

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
CURSO DE MESTRADO**

**ALINE APARECIDA ERNZEN**

**A METÁFORA CONCEITUAL “SUBIR NA VIDA”**

**CHAPECÓ**

**2023**

**ALINE APARECIDA ERNZEN**

**A METÁFORA CONCEITUAL “SUBIR NA VIDA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi

**CHAPECÓ**

**2023**

## Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ernzen, Aline Aparecida      A metáfora conceitual  
" SUBIR NA VIDA" / Aline Aparecida Ernzen. -- 2023.  
89 f.

Orientadora: Doutora Morgana Fabiola Cambrussi

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lin-  
guísticos, Chapecó, SC, 2023.

1. Linguística Cognitiva. Metáfora Conceitual.  
Metáfora verbo-visual.. I. Cambrussi, Morgana Fabiola,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a).

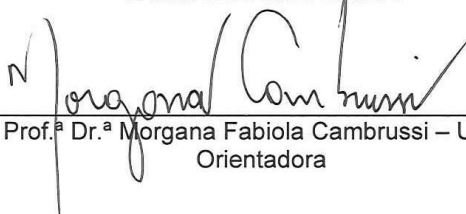
**ALINE APARECIDA ERNZEN**

**A METÁFORA CONCEITUAL SUBIR NA VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 27/02/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS  
Orientadora

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia Lemos Gritti – UTFPR  
Membro externo

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Andrea Rost Snichelotto – UFFS  
Membro interno

*Dedico este trabalho aos meus pais, Darci e Nilve, por sempre acreditarem em mim. À minha irmã Elenice (in memoriam), por sempre me incentivar a continuar estudando. A todos os meus familiares pelo incentivo, apoio e compreensão.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por sua infinita bondade e por me conceder saúde e sabedoria, ser meu guia e protetor em todos os momentos da minha vida.

À minha orientadora, Morgana Fabiola Cambrussi, obrigada pela confiança no meu trabalho, pelo respeito, por me ensinar, pela compreensão e pelos sábios conselhos sempre que a procurei para conversar. E por prontamente me ajudar sempre que necessitei.

Às professoras, Leticia Lemos Gritti, Cláudia Andrea Rost Snichelotto, membros das bancas de qualificação e defesa, agradeço pelas leituras cuidadosas e contribuições e ponderações tão relevantes para a construção e realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, Darci e Nilve, por todo o zelo e apoio em situações que me inspiraram. Às minhas amigas e amigos pelos dias de compreensão e união em contextos escolares e fora deles.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a elaboração e realização desta dissertação, o meu eterno agradecimento.

### **Metáfora**

*Uma lata existe para conter algo  
Mas quando o poeta diz: lata  
Pode estar querendo dizer o incontível  
Uma meta existe para ser um alvo  
Mas quando o poeta diz: meta  
Pode estar querendo dizer o inatingível  
Por isso, não se meta a exigir do poeta  
Que determine o conteúdo em sua lata  
Na lata do poeta tudo, nada cabe  
Pois ao poeta cabe fazer  
Com que na lata venha a caber o incabível  
Deixe a meta do poeta, não discuta  
Deixe a sua meta fora da disputa  
Meta dentro e fora, lata absoluta  
Deixe-a simplesmente metáfora.  
(GILBERTO GIL, 1982).*

## RESUMO

Este trabalho investiga os processos de construção da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA, representada por meio da abstração da figura da escada e do modo de movimento para cima/para baixo. O contexto de uso da metáfora investigado nesta análise está delimitado por uma matéria jornalística produzida em torno da temática da meritocracia como falácia para justificar as desigualdades sociais, sob a alegação de que a ascensão social e econômica seria apenas resultado de esforços individuais. Na reportagem analisada, as diferentes representações dos modos de movimento direcionado para cima/para baixo são associadas a escadas e a orientações direcionais para tornar mais concretos os conceitos abstratos de *ascensão social*, *desigualdade de condições sociais*. Neste estudo, pretende-se explicar e analisar os processos envolvidos nessa construção metafórica, utilizando-se as premissas da Linguística Cognitiva, especialmente da teoria da metáfora de Lakoff e Johnson (1980). Nessa abordagem, a linguagem é vista como uma capacidade humana incorporada à cognição global do indivíduo, em outras palavras, relaciona-se com capacidades cognitivas, tais como metaforização, categorização, prototipicidade, entre outras. A partir deste aporte teórico, o estudo se desenvolveu principalmente pelas seguintes ações metodológicas: (i) contextualização do emprego da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA utilizada em um programa televisivo; (ii) detalhamento dos diferentes processos associativos criados entre o domínio-fonte e o domínio-alvo e de como são acionados para produzir a metáfora selecionada; (iii) explanação do fenômeno investigado como uma projeção metafórica complementar verbo-visual. Os resultados da pesquisa apontaram que ocorre a instanciação de uma metáfora verbo-visual a partir da representação simbólica da “escada” como figura, explorando-se suas possibilidades de orientação direcional do movimento para cima/para baixo, com ou sem ação mecânica. Por meio dessa instanciação verbo-visual ocorre a metáfora SUBIR NA VIDA para uma abordagem crítica do conceito de meritocracia sustentada pela matéria televisiva.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Metáfora Conceitual. Metáfora verbo-visual.



## ABSTRACT

This investigation relates the ways of constructing the conceptual metaphor of MOVING UP IN THE WORLD (SUBIR NA VIDA, in Portuguese) to the abstract representation of the staircase and upward and downward movements. The context in which this metaphor circulates was taken from a journalistic television article that discusses meritocracy as a fallacy to justify social inequalities under the allegation that the individual's efforts is the only result to social and economic mobility. The object of study discusses the association of different representations of upward and downward movements on staircases and directional orientations to make abstract concepts — such as *social mobility* and *social inequality*— more concrete. The purpose is to analyze and explain the processes involved in this metaphorical construction using the premises of Cognitive Linguistics, especially Lakoff and Johnson's (1980) theory of metaphor. This approach understands language as a human ability incorporated into the individual's global cognition; *i.e.*, it is related to cognitive abilities such as metaphorization, categorization, prototypicality, among others. Within this theoretical background, the methodologic procedures applied were the following: (i) contextualization of how the conceptual metaphor MOVE UP IN THE WORLD was used in the television program selected; (ii) detailing the different associative processes created between the source and the target domains and how they are triggered to produce the metaphor; (iii) explanation of how the investigated phenomenon is a metaphorical and complementary verbal-visual projection. The results indicated that there is an instantiation of a verbal-visual metaphor from the symbolic imagery representation of the "staircase", exploring its possibilities of directional orientation related to upward and downward movements, with or without mechanical action. It is through this verbal-visual instantiation that the aforementioned metaphor occurs for a critical approach to the concept of meritocracy, supported by the television article.

Keywords: Cognitive Linguistics. Conceptual Metaphor. Verbal-visual metaphor.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da categorização .....	32
Figura 2 - Zona cinzenta .....	34
Figura 3 – Esquema de projeção de elementos entre espaços mentais diferentes ...	36
Figura 4 - Esquema de projeção de elementos entre espaços mentais .....	37
Figura 5 - Metáfora: Domínio-fonte e domínio-alvo .....	57
Figura 6 - Escada não mecanizada à direita e escadas mecanizadas à esquerda....	60
Figura 7 - Escada não mecanizada, repórter sobe e demonstra a posição inicial do movimento .....	62
Figura 8 - Escada não mecanizada, repórter sobe e demonstra a posição intermediária do movimento.....	63
Figura 9 - Escada não mecanizada, repórter sobe e demonstra finalizar o movimento .....	64
Figura 10 - Escada mecanizada, repórter sobe para demonstrar a posição inicial do movimento.....	65
Figura 11 - Escada mecanizada, repórter sobe para demonstrar estar na metade do movimento (percurso).....	65
Figura 12 - Escada mecanizada, repórter sobe para demonstrar a finalização do movimento.....	66
Figura 13 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento inicial subindo .....	66
Figura 14 - Escada mecanizada descendo e a repórter em um movimento inicial de subir .....	67
Figura 15 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento se esforça para subir .....	68
Figura 16 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento não consegue subir .....	69
Figura 17 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento para cima não consegue êxito .....	70

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categoria de animais comestíveis .....	35
Quadro 2 - Mapeamento metafórico AMOR É UMA VIAGEM .....	43
Quadro 3 - Estudos sobre a metáfora conceitual .....	53
Quadro 4 – Mapeamento metafórico SUBIR NA VIDA .....	73

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1	OBJETO DE PESQUISA, QUESTÃO, OBJETIVOS E HIPÓTESE .....	15
<b>2</b>	<b>LINGUÍSTICA COGNITIVA: PREMISSAS E ANÁLISE DE PROCESSO METAFÓRICO</b> .....	<b>21</b>
2.1 A	EMERGÊNCIA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	21
2.2 A	LINGUÍSTICA COGNITIVA .....	23
<b>2.2.1</b>	<b>A experiência corporificada</b> .....	<b>28</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)</b> .....	<b>29</b>
2.2.2.1	<i>Frames</i> .....	30
2.2.2.2	<i>Categorização e prototipicidade</i> .....	31
2.2.2.3	<i>Espaços mentais</i> .....	35
2.3	A METÁFORA NA TEORIA COGNITIVA .....	38
2.4	ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE A METÁFORA CONCEITUAL.....	46
<b>3</b>	<b>A INSTANCIAÇÃO DA METÁFORA SUBIR NA VIDA</b> .....	<b>56</b>
3.1	METÁFORA CONCEITUAL: SUBIR NA VIDA.....	58
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>79</b>
	<b>APÊNDICE A - Transcrição da Reportagem</b> .....	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A metáfora é uma construção conceitual que envolve linguagem e pensamento investigada por diferentes prismas desde a antiguidade. Nesta pesquisa, estamos ancorados em uma delas, a perspectiva linguística e cognitiva, especificamente a Teoria da Metáfora Conceitual. Antes de introduzirmos os estudos de metáfora conceitual e o modo como será teoricamente abordado nosso objeto de investigação, entretanto, é pertinente demonstrar brevemente a trajetória que percorreu a abordagem da metáfora, desde sua concepção estilística, como figura de linguagem, até sua abordagem cognitiva, como atividade conceitual estruturante da linguagem.

Essas transformações não marcam apenas concepções que se sucederam no tempo, mas também marcam perspectivas que podem ser complementares e que coexistem no estudo da metáfora, ainda mais em pesquisas caracterizadas pelo hibridismo do objeto, como é o caso da metáfora verbo-visual SUBIR NA VIDA, que investigamos nesta pesquisa (conforme detalharemos a seguir).

Os estudos sobre a metáfora já existiam no século IV a.C., quando Aristóteles a conceitua como sendo “[...] o uso do nome de uma coisa para designar outra”, como descreve Sardinha (2007, p. 20). Este autor demonstra que, ao longo dos anos, com o aprimoramento da caracterização das figuras de linguagem por parte da tradição antiga, a metáfora passou a ser abordada como um recurso figurativo, um acessório usado para ornamentar a linguagem ou, segundo indicam Lakoff e Johnson (1980), um recurso da estrutura poética.

Seguindo-se por uma linha cronológica, no séc. II a.C, também se investigava a metáfora como um “empréstimo entre termos”, ocasionando um conceito não literal, com o propósito de “enfeitar” a linguagem. Posteriormente, a teologia medieval fez apontamentos sobre o uso da metáfora no discurso doutrinário instituído naquela época. Ainda entre os séculos XVI e XIX, em princípio, as metáforas eram compreendidas como fantasia ou ilusão, como ocorreu com Hobbes (séc. XVI). Contudo, no século XIX, já há indícios de as metáforas serem vistas como algo pertencente ao pensamento e ao discurso humano, como temos em Nietzsche (séc. XIX) (SARDINHA, 2007).

Durante muitos anos, a metáfora foi conceituada como um recurso de estilo, classificada entre as figuras de linguagem e, por isso, não poderia circundar o campo do discurso científico. Para ilustrar como a metáfora é profícua quando empregada

nos contextos literários e estilísticos, podemos retomar o modo como é abordada, na letra da música de Gilberto Gil (1982), citada na epígrafe deste texto, sob o título “Metáfora”, ao longo da qual metáforas ocorrem com o intuito de sugerir uma comparação entre conceitos ou objetos, faz-se uma comparação mental implícita, ou seja, uma comparação subjetiva.

De acordo com o exposto por Johnson (1987), algumas teorias desenvolveram outras perspectivas de investigação e abordagem da metáfora, de modo a incluir o seu papel no raciocínio científico, mas poucas reconheceram a metáfora como um fundamento universal da compreensão do ser humano ou como cognitivamente imprescindível, como será concebida no bojo das teorias cognitivistas que ganham maior expressão a partir do final do séc. XX até a atualidade.

No século XX, essa concepção cognitiva se destaca e solidifica nos anos 1970 e 1980, com as contribuições de Reddy (1979) e posteriormente com a obra *Metaphors We Live By*, em 1980, produzida pelos estudiosos George Lakoff e Mark Johnson. Nessa teoria, emerge o conceito da metáfora conceitual, que está no centro de muitas pesquisas desde então, como é o caso deste trabalho, sustentada por muitos estudiosos que buscam entender como a metáfora contribui para a compreensão da conceitualização de um domínio experiencial sobre outro e como essas questões interagem com a linguagem. Nessa perspectiva, pautada na ciência cognitiva, a metáfora está ligada ao sistema cognitivo e a utilizamos para conceitualizar nossas experiências no mundo. Os autores defendem que a metáfora não é restrita à linguagem, mas está infiltrada no nosso pensamento e na nossa ação.

Para Lakoff e Johnson (1980), as metáforas regem o nosso sistema cognitivo. Os autores afirmam que, “[...] ao sugerir que esse sistema conceitual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 46). Portanto, ao analisarmos uma metáfora, estamos diante de uma maneira de conceitualizar determinadas entidades, atribuindo-as um caráter cotidiano. Isso significa dizer que o nosso sistema cognitivo, o modo como pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico. A este ponto, os estudos acerca da metáfora ampliam-se da abordagem de uma figura estilística para a de uma circunstância de desenvolvimento cognitivo fundamental.

Essa também é a proposta que apresentamos neste estudo, que possui aderência à Linha 2 (Diversidade e Mudança Linguística) do PPGEL (Programa de

Pós-Graduação em Estudos Linguísticos), uma vez que investiga o funcionamento da linguagem em uso a partir de uma perspectiva social e a partir da experiência corporificada do falante dissertação apresenta a investigação da metáfora verbo-visual SUBIR NA VIDA, que foi delimitada pelo contexto de sua ocorrência em uma matéria jornalística veiculada pelo programa televisivo com edição dominical intitulado: *Fantástico – O show da vida*<sup>1</sup>. A reportagem que selecionamos para estudo foi intitulada “Década perdida: pesquisa mostra aumento da desigualdade no país”<sup>2</sup>, desenvolvida e apresentada pela repórter Sônia Bridi, exibida em 8 de novembro de 2020, com duração de 13 minutos e 44 segundos. A reportagem explora, sobretudo, a metáfora SUBIR NA VIDA, por meio da qual enfoca as desigualdades sociais entre os brasileiros de forma contextualizada, destacando o modo como ocorreram e ainda ocorrem e como tendem a piorar com o momento pandêmico no mundo e iniciado no Brasil em março do mesmo ano da reportagem.

Os procedimentos adotados na descrição da metáfora SUBIR NA VIDA, detalhados na seção 1.2, consistem em identificar quais elementos linguísticos e quais não linguísticos (espaço-visuais) permitem o trânsito de propriedades do domínio-fonte (caracterizado ou qualificado por aspectos físicos ou concretos da experiência) para o domínio-alvo (caracterizado por aspectos abstratos). Essa transferência caracteriza o processo metafórico pelo qual um conceito mais abstrato é aproximado de outro, menos abstrato e, com isso, metaforizado. Em outras palavras, no trânsito entre esses diferentes domínios, um conceito pode ser compreendido em termos de outro, como expansão metafórica.

Na instanciação da metáfora que investigamos, os conceitos abstratos de *ascensão social* e de *desigualdade de condições sociais* são representados por meio de recursos verbais e não verbais do campo do movimento com instrumento, a saber, subir/descer por meio de escadas. Com isso, identificamos mais um procedimento metodológico que deve ser adotado no estudo, que é o de estabelecer critérios analíticos que possibilitem a análise de categorias verbo-visuais (para abarcar tanto os estímulos verbais quanto os estímulos não verbais mobilizados para a construção da metáfora SUBIR NA VIDA).

---

1 Com moldes de uma revista eletrônica, o programa mescla jornalismo, humor, documentários. Este programa, à época da produção da matéria analisada nesta pesquisa, era apresentado pelos profissionais Poliana Abritta e Tadeu Schmidt.

2 Convidamos o leitor a assistir à reportagem de Bridi (2020), com acesso livre pelo GloboPlay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9006545/>. Acesso em: 21 de jan. 2022.

A investigação desenvolvida neste trabalho contribui, no campo da metáfora conceitual, para o aprimoramento dos estudos de metáfora à medida que os resultados dão conta de um hibridismo de linguagem e da produção de sentidos metafóricos por estímulos simbióticos verbo-visuais. Esses elementos, além de esclarecer o funcionamento de estratégias empregadas na produção da metáfora SUBIR NA VIDA, também podem se aplicar a outros processos metafóricos similares, igualmente marcados pelo hibridismo de linguagem. Com este estudo, podemos evidenciar o modo como recursos metafóricos (associativos e expansivos entre domínios-fonte e alvo) foram mobilizados pela equipe de jornalismo para representar conceitos abstratos em torno da ideia de meritocracia (também abstrata), pautados pela experiência corporificada do cotidiano mais concreta (subir e descer diferentes tipos de escadas, por exemplo).

Nessa perspectiva (cognitiva), a metáfora é concebida como uma operação cognitiva essencial, como um ato de linguagem pelo qual se podem entender, experienciar e relacionar domínios cognitivos adquiridos ao longo da vida. Essa perspectiva teórica e seus desdobramentos possibilitaram o desenvolvimento da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), que promove a metáfora não como uma linguagem de “ornamento” das ideias (STEFANOWITSCH, 2005, p. 163), mas como um recurso de pensamento e de enquadramento do mundo que pode ser descrito por uma perspectiva cognitivista da linguagem, como aprofundaremos no capítulo 2.

### 1.1 OBJETO DE PESQUISA, QUESTÃO, OBJETIVOS E HIPÓTESE

Nesta pesquisa, investigamos o processo de construção da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA, empregada em uma reportagem jornalística e representada por meio da abstração da figura da escada, de tipos distintos de escada e do modo de movimento para cima/para baixo.

Esta proposta levanta a seguinte questão de pesquisa: como a representação de um objeto no mundo (a escada) e suas possibilidades de orientação direcional do movimento para cima/para baixo, com ou sem ação mecânica, podem contribuir para o processo de compreensão da metáfora SUBIR NA VIDA no contexto específico de uma abordagem crítica do conceito de meritocracia externada em uma matéria televisiva?



Quanto aos objetivos da pesquisa, o propósito geral é investigar os processos de construção da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA empregada em reportagem televisiva para abordar o conceito abstrato de desigualdade de condições sociais e econômicas. Ainda, no transcorrer do estudo e da análise, serão contemplados os seguintes objetivos específicos:

- (i) Compreender o funcionamento da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA no contexto da ocorrência metafórica investigada.
- (ii) Descrever e analisar os diferentes processos associativos criados entre o domínio-fonte e o domínio-alvo e acionados para a compreensão da instanciação da metáfora no contexto de uma reportagem televisiva.
- (iii) Demonstrar que a simbiose entre o estímulo verbal e o não verbal é determinante na construção da metáfora SUBIR NA VIDA instanciada na reportagem, resultando em uma projeção metafórica complementar verbo-visual.

Assumimos a hipótese de que, no contexto da matéria televisiva, o estímulo verbal e o não verbal (verbo-visual) possuem um papel central na construção e na compreensão da metáfora SUBIR NA VIDA, à medida que caracterizam o domínio-alvo por meio de elementos destacados do domínio-fonte por simbiose das duas linguagens (verbal e não verbal), o que acarretaria uma projeção metafórica complementar verbo-visual. Além disso, (i) os conceitos concretos associados ao movimento para cima ou para baixo, (ii) com ou sem ajuda de escada, (iii) com escada mecânica (rolante) ou convencional, que fazem parte de domínios experienciais cotidianos e corriqueiros, cooperam para compreensão do conceito abstrato de meritocracia e auxiliam na construção do ponto de vista expresso na reportagem, de que *a meritocracia é uma falácia*.

Na próxima seção, são abordados os procedimentos metodológicos previstos para o desenvolvimento da pesquisa, bem como o material que fornece a ocorrência da metáfora SUBIR NA VIDA em análise nesta investigação.

## 1.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto à natureza e aos procedimentos metodológicos utilizados em sua realização, este estudo é uma investigação bibliográfica (com cunho qualitativo) e uma investigação indutiva, por meio da análise da ocorrência de uma metáfora em discurso

jornalístico, extraída de uma reportagem da mídia televisiva, em que a metáfora conceitual é frequentemente utilizada para caracterizar processos associativos.

A reportagem “Década perdida: pesquisa mostra aumento da desigualdade no país” (BRIDI, 2020), corpus investigado, foi acessada via plataforma Globo Play, entre os materiais disponíveis com acesso livre e gratuito, e transcrita para os interesses desta pesquisa, conforme Apêndice A. Foi realizado o processo de audição da reportagem, marcados os tempos das falas, os turnos das falas dos apresentadores do programa, repórter e seus entrevistados e, em seguida, foram realizadas as respectivas transcrições. Por opção metodológica, na transcrição da fala, apenas foram registradas as falas (estímulos verbais), sem que se adicionassem informações complementares que compõem a parte audiovisual da reportagem. Na segunda metade da reportagem, no tempo de 8min37s a 9min25s, ocorre a instanciação-chave da metáfora SUBIR NA VIDA: “Se todo mundo quer **subir na vida**, nem todos têm acesso **à mesma escada**” (BRIDI, 2020, grifo nosso).

A delimitação da reportagem televisiva como *corpus* de ocorrência da metáfora investigada ocorreu por seu potencial híbrido, isto é, por ser um material em que as linguagens verbal e não verbal estão sendo empregadas de modo interdependente para a produção de sentido por meio do recurso audiovisual.

O hibridismo de linguagem é uma característica frequente em diversos modos de comunicação do ser humano, em que se associam elementos linguísticos e não linguísticos – gestos, imagens, sons – frequente também em grande parte da linguagem de recursos tecnológicos digitais, tais como: vídeos, memes, hiperlinks, entre outros (KRESS, 2010). Nesse contexto, as metáforas também surgem de outras maneiras semióticas (em que a imagem é outro elemento de produção de sentidos nos sistemas de comunicação presentes numa sociedade) e não somente verbal. Ainda são exemplos de linguagem em hibridismo utilizados na representação de sentidos e na comunicação: “[...] imagem, escrita, *layout*, música, gestos, fala, imagem em movimento, trilha sonora e objetos 3D”, de acordo com Kress (2010, p. 218).

Reforçando o valor semiótico de distintos signos para a produção de sentido, a linguagem verbal tem por unidade a palavra (os sinais, no caso das línguas não orais), já as linguagens não verbais têm outros tipos de unidade significante, como o gesto, os movimentos, a imagem, a nota musical. E os distintos tipos de linguagem não verbal (gestos, música, imagens), assim como a linguagem verbal (sinalizada, oral ou escrita), constituem modalidades semióticas, compreendidas como sistemas de

signos cujos significados são gerados e compartilhados socialmente (HALLIDAY, 1985).

Segundo Forceville (2008), as metáforas multimodais são aquelas nas quais o domínio-alvo, o domínio-fonte e/ou os aspectos mapeáveis são representados ou sugeridos por, no mínimo, dois diferentes sistemas de signos distintos, como o verbal e o não verbal. Ao qualificar a metáfora visual e multimodal, o pesquisador explicita a forma, a posição, a cor, a iluminação e outros aspectos de representação pictórica de pensamento, como elementos que constituem essas metáforas de maneira gestáltica, e destaca que esses elementos visuais podem evocar ou lembrar uma outra *gestalt*, mesmo sem determinadas pistas contextuais.

Nessa perspectiva, da mesma forma como ocorre frente a metáforas linguísticas, a produção de sentido desencadeada frente a metáforas visuais ou multimodais, estrutura-se, essencialmente, com base nas experiências sensório-perceptuais, subjetivas e intersubjetivas, vivenciadas pelas pessoas.

É justamente essa abordagem da metáfora conceitual para ancoragem de conceitos abstratos a partir da experiência corporificada do falante (repórter e telespectador) que nos interessa para análise, tendo em vista que a representação do conceito de ascensão social e econômica é desenvolvida com recursos linguísticos e não linguísticos relativos ao instrumento (escadas) e ao modo de movimento (direcionado para cima/para baixo; com ou sem ação mecânica).

Conforme já mencionado, o estudo que desenvolvemos para investigar esse modo de conceitualizar a experiência foi ancorado na TMC, de Lakoff e Johnson (1980). Conforme os autores, a metáfora é a premissa que ordena, isto é, organiza a representação da linguagem e, por isso, é, muitas vezes, utilizada em meios de comunicação (mídias), principalmente em jornais, revistas e reportagens televisivas, possibilitando aos leitores ou espectadores a compreensão de conceitos a partir de sua vivência diária, bem como a contextualização de circunstâncias reais. Ainda, a metáfora é um meio de se visualizar algo a partir de uma imagem da vida cotidiana, como modo de tornar mais concretos conceitos abstratos.

A abordagem da metáfora SUBIR NA VIDA, a partir do texto integral da reportagem em que foi empregada, justifica-se porque esse expediente permite termos o enquadramento completo da metáfora e de seus efeitos associativos entre múltiplos conceitos mobilizados no contexto de uso da linguagem. Conforme Porto e Romano (2013, p. 63, tradução nossa), na análise da ocorrência de uma metáfora,

[...] o texto principal que segue é igualmente relevante, à medida que constitui o contexto discursivo maior e o quadro (*frame*) das metáforas [...]. Tais textos foram especialmente úteis no reconhecimento de expressões metafóricas novas ou de novos usos das expressões metafóricas já existentes.

Nesse sentido, o enquadramento da metáfora SUBIR NA VIDA, se abordado no contexto integral da reportagem, tanto pode revelar diferentes modos de empregar usos conhecidos dessa metáfora quanto pode trazer à tona usos inovadores<sup>3</sup>.

Conforme explicitamos anteriormente, nos procedimentos de análise, primeiramente foi transcrito o texto verbal da reportagem (Apêndice A). Em seguida, foram identificados os excertos textuais em que se instancia a metáfora SUBIR NA VIDA, arrolados no capítulo 3, de análise. Na sequência, foram identificados, na linguagem não verbal, os quadros em que, na reportagem, representa-se o modo de movimento direcionado *ir para cima*, a partir da utilização de escadas e outros. Em um terceiro movimento de análise, foram cruzados os quadros não verbais e os excertos textuais, para que se pudesse identificar como o hibridismo entre a linguagem verbal e a não verbal, ou audiovisual, contribuiu para a construção da metáfora e, ainda, em que medida essas linguagens interagem na instanciação da metáfora SUBIR NA VIDA no contexto da reportagem.

Os excertos textuais analisados no capítulo 3 são identificados a partir do tempo de vídeo da reportagem em que são proferidos pelos enunciadores. Os quadros, para análise dos recursos não verbais, são analisados de dois modos: por congelamento da cena (*print*) e por encadeamento entre eles (sequência de quadros, para compreensão do movimento representado).

Nesse percurso analítico, portanto, (i) foram identificados quais elementos linguísticos e quais elementos não linguísticos permitem o trânsito de propriedades do domínio-fonte para o domínio-alvo, de modo a caracterizar o processo metafórico pelo qual um conceito mais abstrato é aproximado de outro, menos abstrato e, com isso,

---

3 Por usos inovadores estamos tomando aspectos como a noção gradativa que é capturada na representação do objeto escada: se o instrumento para subir é uma escada convencional, de alvenaria, por exemplo, existe um grau médio de dificuldade para realização da tarefa (metáfora de subir na vida); se o instrumento para subir é uma escada mecanizada, que automatiza o movimento de ir para cima (escada rolante), existe um grau muito baixo de dificuldade para realização da tarefa (a pessoa poderia, inclusive, ficar parada que ainda assim chegaria ao topo); se o instrumento utilizado para subir é uma escada mecanizada agindo como força contrária, isto é, que automatiza o movimento de ir para baixo, existe um grau muito elevado de dificuldade para realização da tarefa de subir (por mais que se movimente para cima, a pessoa poderia nunca sair do lugar).

metaforizado; (ii) foi descrito o modo como os conceitos abstratos de *ascensão social* e de *desigualdade social*, presentes nas instanciações da metáfora SUBIR NA VIDA, empregada na reportagem, são conceitualmente representados por meio de recursos verbais e não verbais do campo do movimento com instrumento, a saber, subir/descer por meio de escadas.

A seguir, no capítulo 2, estão apresentados os fundamentos teóricos para a investigação proposta nesta pesquisa, com ênfase na TMC. No capítulo 3, são desenvolvidas a descrição e a análise da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA, de acordo com as etapas metodológicas anteriormente descritas.

## **2 LINGÜÍSTICA COGNITIVA: PREMISSAS E ANÁLISE DE PROCESSO METAFÓRICO**

Este capítulo apresenta e discute o embasamento teórico que teve relevância para a investigação proposta. Inicialmente, são perpassadas, brevemente, as correntes linguísticas que corroboraram para emergir a Linguística Cognitiva (doravante LC). Em seguida, são abordados os conceitos da LC, a experiência corporificada, os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) e, em destaque, a metáfora conceitual.

### **2.1 A EMERGÊNCIA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA**

A linguagem humana, na Linguística moderna, é abordada como um objeto de estudo que se observa de diferentes formas, conforme a teoria de análise utilizada. A LC contribui de forma indispensável para a linguística ser entendida também como uma subárea das Ciências Cognitivas, em estudos voltados para se compreender tanto quanto possível a linguagem. Segundo Lakoff e Johnson (1999, p. 568), a LC pode ser entendida como “[...] a ciência da mente e do cérebro [...]”, desenvolvida em duas gerações de pesquisadores: a segunda geração, mais atual, caracterizada pela abordagem da mente corporificada, enquanto a primeira denominava-se geração da mente computacional, no que se refere à teoria do significado.

A LC diverge de outras vertentes linguísticas no que se refere à compreensão da natureza da linguagem. A LC assume que a linguagem é o modo pelo qual se percebe o mundo e, dessa forma, a linguagem é parte complementar da cognição. Analisando-se as correntes linguísticas, em especial o estruturalismo e o gerativismo, pode-se considerar que estas prescindem, em sua abordagem dos fenômenos linguísticos, das diversidades culturais, sociais e pragmáticas.

O estruturalismo de Ferdinand de Saussure (1817-1913) transformou, a partir de sua abordagem, toda a produção intelectual e teórica acumulada até então, que se baseava em estudos históricos e comparativos. Essa perspectiva orientou os parâmetros básicos da nova ciência da linguagem, a Linguística, e determinou também o objeto desta ciência, a língua, considerada uma entidade social e adquirida em âmbitos sociais, diferenciando esse objeto dos outros fatos da linguagem. Também qualificou a linguagem em relação à língua (social e psíquica), e esta em

relação à fala (vontade e inteligência que são individuais). Essas são as bases sobre as quais se funda o rigor dos estudos linguísticos, aplicado também aos demais estudos das ciências sociais e humanas, fundando-se o estruturalismo. Dessa forma, consolidava-se o alicerce científico para os estudos linguísticos, em consonância com Martelotta (2010).

Para os estruturalistas, representados pelo estudioso, Saussure define que

Ao outorgar à ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem, situamos ao mesmo tempo toda a Linguística. Todos os outros elementos da linguagem que constituem a fala vêm, por si mesmos, subordinar-se a essa primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da linguística encontram seu lugar natural (SAUSSURE, 1974, p. 50).

Para Saussure, o pensamento está subordinado à linguagem, porque é através da linguagem, dos signos, exteriores aos sujeitos, que se pode pensar acerca das coisas do mundo, ou seja, a organização da linguagem espelha a estrutura do mundo, logo, a linguagem dá forma ao pensamento. Convém ressaltar que o linguista não assumia como válido o fato de haver ideias e conceitos pré-estabelecidos. Para a vertente estruturalista, a aquisição de conhecimentos está na base da experiência (tendência empirista) e não na base de princípios racionais. Em diferentes aspectos, a linguagem é compreendida como um sistema autossuficiente que possui suas estruturas e premissas, segundo Borba (1998).

Nessa vertente, ainda em consonância com Borba (1998), a semântica, responsável pela investigação do significado das formas linguísticas, ocupa um espaço marginal, à medida que ganham proeminência a morfologia, a sintaxe e a fonologia. O estudo do significado das formas linguísticas é visto como um movimento secundário, auxiliar. Nesse sentido, quando ocorre a análise semântica, é como o estudo das relações semelhantes (sinônimos) entre fenômenos linguísticos, sem consideração de fatores extralinguísticos, de aspectos sociais e culturais. Estes são reconhecidos, contudo não são considerados, porque, na visão estruturalista, a língua, enquanto sistema abstrato pode ser estudada por si mesma e em si mesma. Dessa forma, a semântica que deriva do estruturalismo fica reduzida ao nível das relações lexicais primárias.

Em um movimento subsequente das teorias linguísticas, já em meados do séc. XX, o gerativismo se sustenta como uma teoria de proeminência sintática, fortemente

voltada aos fenômenos de aquisição da linguagem em uma perspectiva mentalista, isto é, instalada em nosso cérebro. A linguagem é considerada uma habilidade inata dos seres humanos, uma competência genética, que reflete a estrutura da mente. Conforme Chomsky:

Uma das razões para estudar a linguagem (exatamente a razão gerativista) – e para mim, pessoalmente, a mais premente delas – é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um ‘espelho do espírito’, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do ‘senso comum’ construídos pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos para mim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso, princípios que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie humana. (CHOMSKY, 1980, p. 9).

No gerativismo, a mente é classificada de acordo com uma concepção de módulos. Os módulos cognitivos da linguagem seriam independentes de outros, como o da percepção. Dessa forma, o módulo sintático prevaleceria sobre os módulos semântico e fonológico, por exemplo. Por outro lado, na LC, os módulos são apreciados como correlacionados, havendo “[...] interação entre estrutura linguística e conteúdo conceitual”, como afirma Ferrari (2011, p. 14), sendo o mais relevante para a teoria a observação da mente, as construções de estruturas mentais, em comparação ao estudo ou à predição do que acontece no interior do ser humano e de sua relação com o corpo. Para a LC, o conhecimento é permeado pela linguagem, por isso busca-se identificar como ela colabora para a interação social e a construção do conhecimento do mundo.

Devido à insatisfação de alguns estudiosos sobre o tratamento dado à semântica e à pragmática pela corrente gerativa de investigação da linguagem, emerge a teoria cognitiva da linguagem ou linguística cognitiva, sendo conceituada como uma teoria que investiga a maneira de elaborar e construir conhecimentos estruturados pela experiência dos seres humanos, articulada à organização conceitual, por intermédio de estruturas sensoriais e motoras, imanentes ao ser humano (KENNEDY, 2010).

## 2.2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA



O saber científico foi ampliado e difundido em muitos aspectos a partir da segunda metade do século XX, entre os quais estão os conhecimentos inseridos no campo linguístico, sob o enfoque de compreender e descrever a conexão entre os fenômenos linguísticos e os segmentos mentais, estudados e aperfeiçoados pela Linguística Cognitiva.

Como vimos, essa área de investigação se desenvolve a partir de outras vertentes, diferenciando-se por considerar que a língua/linguagem constitui uma parte interativa da estrutura cognitiva dos humanos. Por isso, na abordagem cognitivista, para se compreender o significado, deve-se examinar, além do processo mental dos falantes e do seu conhecimento linguístico, o seu entendimento enciclopédico, ou seja, o seu conhecimento de mundo, suas experiências sociais, culturais e emocionais, por meio de investigações interdisciplinares (SILVA, 2004).

A diferença essencial, conforme Ferrari (2011, p. 16), “entre o conhecimento de dicionário (significado das palavras) e conhecimento enciclopédico (conhecimento de mundo ou não linguístico)”, na LC, é a de que a primeira seria uma subpartição da segunda, que deve ser analisada em um enfoque mais geral.

No que se refere ao conhecimento de dicionário, a definição principal de uma unidade lexical é o conhecimento relacionado ao conceito da palavra, quer dizer, baseado no pressuposto da modularidade (especificado). Consoante a Ferrari (2011),

[...] o modelo de dicionário restringe-se ao domínio de aplicação da semântica lexical, enquanto as relações do significado com o mundo são vinculadas ao domínio pragmático, o qual, na visão formalista, é externo ao domínio da linguagem propriamente dita. (FERRARI, 2011, p. 16)

Na abordagem da LC, a distinção rigorosa entre conhecimento de léxico e conhecimento de mundo acarreta algumas questões pertinentes observadas em Ferrari (2011), quando a autora aborda e elucida a equivalência no uso entre os vocábulos *panela* e *caçarola*, que apresentam o mesmo conceito para inúmeros falantes de português. Porém, esses vocábulos se diferem em termos de conceito em dialetos que utilizam as duas formas: *panela* como utensílio com um ou dois cabos e *caçarola* como utensílio que apresenta duas alças, usado para cozidos e sopas.

De acordo com Fillmore (1982), a partir de certas especificidades relacionadas à experiência de linguagem, há variações linguísticas possíveis em certos contextos, mas não em qualquer contexto: pode-se utilizar, para uma festa convencional que

antecede as bodas, a denominação *chá de panela*, contudo não ocorre o mesmo com o vocábulo *chá de caçarola*. E, de forma arbitrária, também não usaríamos o termo *panela de legumes* substituindo a *caçarola de legumes*. Dessa maneira pode-se deduzir que ocorre uma divisão no que condiz ao significado linguístico em semântica – significado não influenciado pelo contexto – e na teoria pragmática – significado influenciado pelo contexto.

Apesar de a divisão entre os estudos da significação ser aparentemente estanque, Ferrari (2011) avalia que essa separação dicotômica é relativamente arbitrária, pois “[...] assim como o conhecimento linguístico não pode ser adequadamente separado do conhecimento de mundo, o conhecimento semântico não pode ser separado, de forma rígida, do conhecimento pragmático” (FERRARI, 2011, p. 17).

Outro conceito relevante para a LC é o conhecimento enciclopédico que pode-se analisar como uma organização que abrange diversas perspectivas do conhecimento a um termo acessível e não há “status idêntico” e desta forma não concebível que o conhecimento seja atribuído a uma unidade linguística de maneira desorganizada ou aleatória. E nesta mesma perspectiva em consonância com Varela (2006), o conhecimento de mundo pode ser denominado como o aprendizado que construímos, desde o momento em que nascemos, pela observação e vivência individual, acionando, quando forem necessárias, as informações já internalizadas.

Na rede enciclopédica, segundo Langacker (1987), há quatro proposições (convencional, genérica, intrínseca e característica), que estão basicamente inter-relacionadas e possuem informações estabelecidas com base na centralidade do significado.

Na primeira proposição, chamada de *convencional*, a instrução é muito difundida em uma comunidade de fala e pode ser mais central para a representação mental de um termo ou item lexical. Na segunda, *genérica*, quanto mais amplo for o aspecto, maior a possibilidade de ser convencional. Na terceira, *intrínseca*, é o aspecto do significado sem implicá-lo em um enfoque de fatores externos e, por último, a proposição *característica*, em que este elemento da informação basta para reconhecer o integrante de uma classe.

Para exemplificar os quatro conceitos, Langacker (1987) propõe que se suponha haver duas pessoas amigas próximas que possuem alergia a gatos, este fato particular não passa a ser um conhecimento *convencional* a respeito de *gato* (apenas

um conhecimento considerado periférico). Mas, se essas pessoas se tornarem famosas e suas crises alérgicas se popularizarem, o conhecimento a respeito da relação entre *gato* e *alergia* pode se associar à palavra *gato* de um modo que o acesso à informação sobre alergias seja imediato na mente dos falantes de determinada língua. Se isso ocorrer, o episódio alérgico particular de algumas pessoas passa a ser assumido como uma característica (como parte do significado) convencional do conceito de *gato*. Se os amigos fossem alérgicos ao gato “Mingau”, então seria um conhecimento específico; porém, se fossem alérgicos a qualquer gato, seria *genérico*.

Já o significado *intrínseco* de *gato* vai ser caracterizado por aspectos individualizantes, como aqueles relativos aos comportamentos felinos, por exemplo, o miado dos gatos. Por último, ainda existem os aspectos de significado que são capazes de caracterizar classes de indivíduos, como formato, cor e outros. No caso de *gato*, a forma felina é muito mais característica do que uma cor, ou seja, um gato pode ser reconhecido por sua forma, contudo, a caracterização somente pela cor (preta, por exemplo) não seria satisfatório para reconhecermos uma entidade como gato. Esses quatro aspectos do significado estão interligados e ilustram a centralidade da significação e de seu estudo para a compreensão do modelo enciclopédico.

Tendo em vista os elementos abordados, a diferenciação entre conhecimento e enciclopédia sempre permeou e permeia a correlação do conhecimento de dicionário e das categorias de representação mental dos termos, isto é, a identificação de uma visão enciclopédica do significado linguístico em oposição à visão do dicionário, geralmente usada nos conhecimentos semânticos.

Quanto aos princípios que regem as análises cognitivas, com base em Silva (2004, p.2), classificam-se em três proposições, sendo a primeira em que se destacam os propósitos semânticos em que a função da linguagem seja a categorização o processo por meio do qual reunimos entidades que se assemelham, observados em um exemplo bem prático e rotineiro, o guarda-roupa, em que organizamos os vestuários ou acessórios conforme as acomodações de gavetas, araras, prateleiras e outros espaços, sempre agrupando-os segundo sua classificação como: dobrar, pendurar, empilhar, enrolar. E esta categorização que nos permite elaborar conceitos e estruturá-los em uma rede imensa de conhecimento, constituindo-o como um fenômeno linguístico de ordem primária.

Na segunda proposição, conforme Silva (2004, p.2), se a linguagem tem o intuito de categorizar o mundo, desta forma não se pode desvincular significado

linguístico de circunstância de mundo e ocorrer uma organização em ordem disposta em significação distinguível do nível de conhecimento, e este último agregado às formas linguísticas.

E a terceira e última proposição em consonância a Silva (2004, p.2) de maneira geral e a categorização da linguagem condiz com processos e formas associadas ao conhecimento, desta forma este não incide de maneira direta, porém a linguagem é um condutor para decifrá-lo, compô-lo e também estruturá-lo, condizendo com os interesses essenciais, relevâncias, as vivências dos seres humanos e de suas culturas.

Um aspecto de suma importância para compreendermos o lugar da LC e o modo de abordagem dos fenômenos linguísticos a partir dela é o seu caráter interdisciplinar, muito promissor em várias áreas de atuação e um campo vasto de estudos, pois utiliza uma proposta não modular, que a LC propõe preceitos cognitivos generalizados e não somente específicos, eficazes na estruturação da linguagem., em consonância com (FERRARI 2001).

[...] assume o compromisso de compatibilizar suas hipóteses com os resultados de pesquisas sobre a mente e o cérebro realizadas por outras disciplinas, principalmente na área das Ciências Cognitivas (Filosofia, Psicologia, Inteligência Artificial e Neurociências) (FERRARI, 2001, p. 26).

Ainda seguindo neste mesmo raciocínio e em conformidade com Cuenca e Hilferty (1999, p. p.14), a LC é também considerada uma vertente muito heterogênea, devido sua essência interdisciplinar e integradora. Havendo possibilidade de identificar um conjunto de concepções sobre a linguagem e a cognição que caracterizam como um preceito. E está internalizada nas ciências cognitivas: psicologia, antropologia e inclusive na inteligência artificial, entre outras áreas e estão em distintas perspectivas da cognição humana.

Em síntese, a LC configura-se como uma confluência de diversas ciências, em que o significado e a cognição humana são a centralidade e em que o pensamento emerge de experiências corporificadas. O pensamento é composto por conjuntos estruturais inseparáveis, em que a percepção advém de componentes globais, e o sistema conceitual (percepção, movimento corporal, experiências com caráter físico e social) é compreendido sob o prisma de modelos cognitivos e mentais.

Nesse quadro é que se encaixa a semântica cognitiva, que parte justamente da premissa de que há uma relação interdependente entre linguagem e cognição, considerando os fatores sociais e culturais. Como já citado, a linguagem é concebida como resultado do entorno cultural e das vivências corpóreas do mundo em que o falante está inserido. Essas presunções, baseadas em Lakoff (1987), propõem que o significado é promovido a partir do resultado da relação que a nossa experiência corpórea mantém e constrói com o seu entorno. Ainda de acordo com Lakoff (1987, p. 243),

[...] a maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossa interação sociocognitiva [...] do que simples fruto de procedimentos formais de categorização linguística.

Portanto, na proposta teórica da LC, em conformidade com Lakoff (1987), a linguagem influencia na categorização do mundo, à medida que os conceitos universais influenciam nessa categorização, na relação entre linguagem e cognição, sob influência dos aspectos socioculturais. Por isso, a LC compreende que a língua é como um reflexo da organização conceitual geral, dos princípios de categorização e dos mecanismos de processamento da experiência dos sujeitos no mundo (compreendida também a experiência de linguagem), como veremos a seguir.

### **2.2.1 A experiência corporificada**

Por várias décadas, a ciência cognitiva esteve pautada na tradição cartesiana de separação entre corpo e mente. Contrariando essa corrente, verificam-se, inúmeras vezes, que a percepção da realidade é construída pelo formato do nosso corpo: como nos movimentamos, como os sentidos percebem a realidade em nosso entorno, ou seja, como interagimos com o mundo, seus seres e objetos, conforme aborda Abreu (2010). Um fator que pode exemplificar esse comportamento humano é quando fazemos referência a componentes incontáveis.

Os humanos, quando não conseguiram medir ou contar dois pontos diretamente, iniciaram a prática de mensurar partes deles e, em seguida, enumerá-los, por exemplo, quando se diz *um punhado de areia* ou *três braçadas de flores*. Os vocábulos “punhado” e “braçadas” denominam-se classificadores partitivos, que se

referem a partes do corpo humano, estruturados a partir dessas partes para contar segmentos conforme uma medida estabelecida, exemplificados por Abreu (2010).

Segundo o autor, algumas culturas, depois de usarem estas medidas corporais, adotaram classificadores mais exatos, como em *duas xícaras de açúcar* ou *uma colher de sopa de azeite*, para uma receita culinária. Muito embora esses elementos de medida sejam objetos – e não partes do corpo – estão inscritos no campo da experiência humana (como instrumentos manuseáveis, por exemplo) e refletem fatores culturais incidindo sobre uma operação mental corriqueira, a quantificação.

Ainda sob a referência do corpo humano, também utilizamos termos como frente, trás, esquerda, direita, alto e baixo, os quais podem ser delimitados a partir da disposição corporal no mundo. Baseado nesses elementos de interação física entre o corpo e o meio em que está inserido, segundo Lakoff e Johnson (1999), todo funcionamento cognitivo é composto por nossas habilidades de percepção do mundo em relação às coisas, ao modo de manejar objetos, de movimentar nossos corpos no espaço e de analisar nossas circunstâncias de interação. Esses preceitos funcionam como uma suposição da mente corporificada, que orienta a LC, sendo a cognição ancorada no corpo, segundo os autores.

### **2.2.2 Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)**

Em 1987, Lakoff publicou a obra *Women, Fire and Dangerous Things*, cujo objetivo principal é apresentar e desenvolver a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), abordados a partir de três estruturas basilares para conceituá-los (a proposicional, a dos esquemas imagéticos e a dos processos metafóricos e metonímicos). Essas estruturas estão em interação com a estrutura linguística e com os sistemas de conhecimento, que podem ser não linguísticos, amparados na experiência física ou sociocultural.

Outro ponto de destaque relacionado aos MCIs é a prototipicidade e a divisão proposta por Lakoff dos resultados prototípicos, caracterizados em simples ou complexos. Antes de abordarmos especificamente o que é um MCI, é necessário compreendermos o conceito originário, de *frame*, e seus impactos teóricos para o desenvolvimento da LC.

### 2.2.2.1 Frames

Se, nos domínios da LC, o termo *frame* tem ampla circulação, seu desenvolvimento se deve a um programa de pesquisas criado e liderado por Charles Fillmore desde o final da década de 1960. Na definição de Fillmore (1982, p. 111), um *frame* é um “[...] sistema de conceitos relacionados de uma maneira tal que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura em que ele se insere”. “*Frame Semantics and the Nature of Language*” (*Semântica dos frames e a Natureza da linguagem*) foi um dos primeiros trabalhos de Charles Fillmore, em que o conceito de *frame* se sistematizou e difundiu-se pelo linguista.

*Frames* são criados pela nossa imaginação como enquadramentos da realidade. Conforme Abreu (2010), a construção do significado de um *frame* envolve características culturais e experiências individuais e não somente representações da mente pré-existentes e associadas a uma realidade. Por exemplo, se um falante faz referência a um *avião*, são acionados diferentes elementos relacionados ao *frame* a que pertence, tais como decolagem, pouso, passageiros, aeroporto; isso seria o “núcleo duro” do *frame*. Porém, também se podem ampliar ideias como: medo de andar de avião, de perder a bagagem, desastres aéreos de que recordamos e outros elementos que a nossa imaginação ou memória possibilitar acessar (ABREU, 2010).

Para Ferrari (2011, p.50) o termo *frame* pode ser definido como um “[...] sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”. Um bom exemplo de como funciona esse sistema estruturado é o clássico exemplo de Fillmore (1982), do conceito em inglês “bachelor” (solteirão).

Ao acionarmos determinado *frame*, para compreendermos um fragmento, é indispensável compreender o todo em que o conceito está incluído. Fillmore (1982) exemplifica esse complexo acionamento de conceitos com o termo “bachelor”. Definir essa palavra apenas por meio de supostos componentes essenciais e intrínsecos provavelmente nos levaria a algo como *um homem adulto não casado*. Esta classificação não contemplaria o seu significado, pois um padre ou o Papa não poderiam ser nomeados de solteirões, já que fazem parte do celibato, ou um jovem de dezoito anos, por estar apenas iniciando na idade adulta, culturalmente considerada própria para casar (ao menos no ocidente).

Em conformidade com Fillmore (1982), isso não significa que a definição esteja equivocada, mas está longe de esgotar a questão (e, sobretudo, não contém algo como a “essência semântica” da palavra). Na verdade, a definição é verdadeira – porém somente em relação a um determinado conjunto de percepções prévias e expectativas culturais. Espera-se que, a partir de uma certa idade, mais ou menos determinada, os homens adultos estejam casados. Em princípio, quando isso não ocorre, o indivíduo poderá ser chamado de “solteiro” ou ainda “solteirão”.

Portanto, a compreensão do termo necessita de conhecimentos acerca de um domínio específico, e esse domínio é nomeado de *frame*. No caso do termo “solteirão”, fazem parte do *frame* expectativas sobre a idade ideal para o casamento e exclusões de elementos não apropriados para o casamento (celibatários, por exemplo).

O que Fillmore (1982) denomina como *frame* é justamente esse conjunto de conhecimentos ou expectativas em relação ao qual uma palavra deverá ser interpretada. Isso explica por que o termo “solteiro” parece inadequado quando empregado em referência ao Papa ou ao Tarzan (personagem lendário): a expectativa cultural do casamento não se aplica aos dois. Na ausência do *frame* adequado, o uso de “solteiro” ou “solteirão” parece bem pouco natural ou poderá ser caracterizado como irônico.

Como veremos no capítulo 3, a análise da metáfora conceitual, ao se fundamentar na relação entre dois diferentes domínios, chamados domínio-fonte e domínio-alvo, envolve a transferência de propriedades que podem ser caracterizadas, na esteira de Fillmore e da teoria de *frames*, como conhecimentos ou expectativas culturais que transitam entre os domínios, permitindo que um elemento seja compreendido em relação a outro.

#### 2.2.2.2 Categorização e prototipicidade

Quando a abordagem dos fenômenos de linguagem parte dos estudos de cognição, é essencial conceituar processos como categorização e prototipicidade, os quais possibilitam analisarmos uma gama de meios e fatos como pertencentes a outros e, assim, correlacionar significados na composição da linguagem. Conforme Silva (2004, p.2),



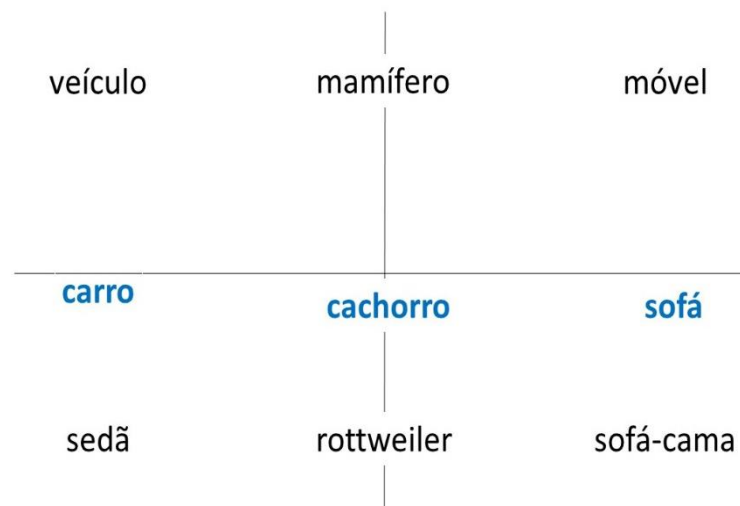
[...] a linguagem é parte integrante da cognição (e não um módulo separado) e se fundamenta em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, do processamento mental, da interação e da experiência social e cultural.

A habilidade cognitiva de categorização é o que nos possibilita conceituar e organizar em uma enorme gama de conhecimentos, segundo Abreu (2010), sendo as categorias analisadas pelo falante como caixas abstratas nas quais se colocam as informações das entidades que dividem características comuns.

Ainda em consonância com Abreu (2010) destaca que, a partir da metade do século XX, três indagações afligiram os estudiosos: (i) como se organiza o sistema de categorização, quais são os preceitos que regem a construção das categorias na mente dos seres humanos? (ii) Por que existem seres que, mesmo apresentando características comuns com outros seres, às vezes não se enquadram na mesma categoria, permanecendo em uma espécie de “zona cinzenta” e, por último, (iii) Como distintas culturas podem variar em termos de sistema de categorização?

Segundo Rosch (1978), a categorização define-se em dois âmbitos: vertical e horizontal.

Figura 1 - Imagem da categorização



Fonte: Rosch (1978)

O eixo vertical está relacionado ao nível de inserção. Se analisarmos a categoria “cachorro”, na parte superior, teremos “mamífero”, que também pode agregar “elefante”, “leão”, “cavalo...”, porém, no nível abaixo, está “rottweiler”, que abrange menos elementos, referindo-se a uma raça de cães.

Dessa maneira, Rosch (1978), deduz que há um nível ideal e mais prático ao cotidiano dos humanos, contendo as categorias de nível básico (carro, cachorro, sofá), pois é mais difícil elaborar mentalmente um único mamífero. Contudo, há níveis mais acessíveis em relação à imagem de um mamífero, como o nível que contém gato, cachorro. Um exemplo dessa circunstância destacada pela autora seria se um cão da raça pastor-alemão estivesse latindo, dificilmente seria dito: “Esse mamífero está latindo muito alto” ou “Esse pastor-alemão está latindo muito alto”. O mais provável é que as pessoas digam: “Esse cachorro (ou cão) está latindo muito alto”, como exemplifica Abreu (2010).

A segunda problemática, denominada de teoria dos protótipos, conforme Abreu (2010), refere-se ao eixo horizontal. O autor exemplifica com a categoria pinguim que, apesar de pôr ovos e possuir asas, os animais não as utilizam para voar, mas para nadar e, ainda, apresentam estrutura hidrodinâmica e partilham inúmeras características com as focas. Assim, ao exemplificar a categoria “ave”, em que é absolutamente intuitiva a lembrança de pássaros, como o sabiá, para representá-la, esse elemento traz aspectos como penas, bicos e, sobretudo, possibilidade de voar, que não é tão bem representada por outros elementos, como galinhas, patos e muito menos pinguins.

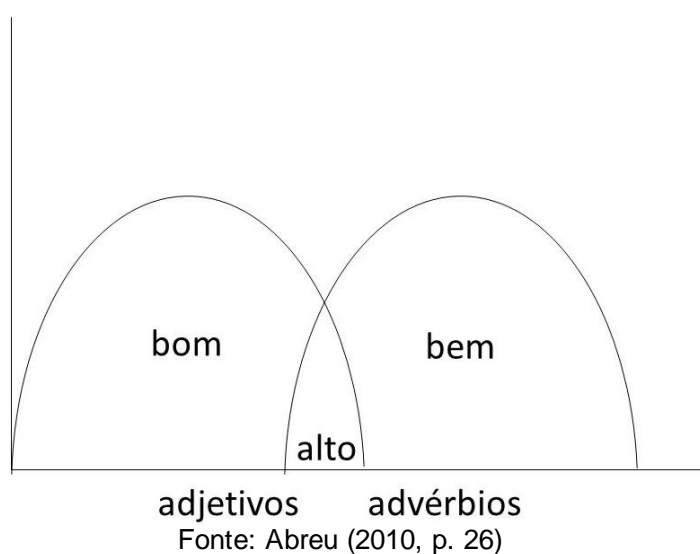
Então, Rosch (1978), depois de algumas experimentações, sugeriu a ocorrência de representantes dos protótipos dentro de cada categoria. Estes são caracterizados por possuírem inúmeras propriedades semelhantes com a maior parte dos integrantes da mesma categoria. Por isso, patos, corvos ou papagaios são exemplos de aves (são bípedes e possuem asas) e de representantes prototípicos, porém, o pinguim seria um exemplo de representante não prototípico.

Esta teoria, consoante a Abreu (2010), contribui de forma relevante para o estudo das línguas, possibilitando dissertar de forma mais coerente sobre diversos fatos gramaticais. Entre eles estão os observados nas seguintes frases: a) “Ele tinha os documentos, **mas** não conseguiu o visto”; b) “Ele tinha os documentos, **contudo**, não conseguiu o visto”; c) “Ele tinha os documentos; não conseguiu, **contudo**, o visto”; d) “Ele tinha os documentos; não conseguiu o visto, **contudo**.”. Os termos “mas” e “contudo” são conjunções adversativas, no entanto, somente o “contudo” apresenta mobilidade, podendo ser realizado em diferentes posições, com alternância de ordem dentro da sentença (posição inicial, medial ou final). Já o “mas”, uma conjunção com posição inicial fixa, mantém vínculo estrito com o conceito da conjunção de unir

orações e, dessa forma, é uma conjunção prototípica. Nessa perspectiva de protótipos gramaticais, embora sejam também conjunções, “contudo”, “porém” e “todavia” são não prototípicas, por apresentarem características que podem ser identificadas em outras classes, como a dos marcadores discursivos (modalizados conforme à base teórica), que apresentam mobilidade na sentença (diferente do que acontece com uma conjunção prototípica).

Ainda, há ocorrências em que um termo pode fazer parte de duas categorias, integrando a nomeada “zona cinzenta”. Um caso dessa ocorrência pode ser ilustrado com o vocábulo “alto” em contraste com o vocábulo “bom”, conforme a Figura 2:

Figura 2 - Zona cinzenta



Conforme Abreu (2010), “bom” é um adjetivo prototípico (Ele é um homem bom) e “bem” é um advérbio prototípico (Ele agiu bem). Já “alto” pode estar em ambas as categorias, adjetivo ou advérbio, portanto, não é um elemento prototípico (Ele é um homem alto<sub>Adjetivo</sub>. Ele fala alto<sub>Advérbio</sub>.). Casos como de “alto” ilustram elementos que perpassam duas categorias, localizando-se em uma zona cinzenta.

A terceira problematização é concernente à influência da cultura sobre a categorização. Essa variável pode ser exemplificada com a língua Suya, uma das línguas indígenas brasileiras que engloba o grupo Macro-Gê, na qual os substantivos possuem um sufixo que indica que o ser nomeado é humano. Contudo, o termo que nomeia a galinha também possui este mesmo sufixo, pois os indígenas acreditam que essa ave é um animal muito próximo à família, que convive em suas ocas, e não deve ser abatida, embora seja natural abater uma arara para alimentação (ABREU, 2010).

A alimentação humana baseada no consumo de proteína animal, inclusive, é um elemento complexo de se categorizar através de diferentes culturas. Abreu (2010, p. 27), destaca que, se classificássemos a categoria de animais comestíveis de forma intercultural, teríamos o resultado diverso apresentado no Quadro 1:

Quadro 1 – Categoria de animais comestíveis

<b>Animais/ Países</b>	<b>Brasil</b>	<b>EUA</b>	<b>França</b>	<b>Países Árabes</b>	<b>Israel</b>	<b>Índia</b>	<b>China</b>	<b>Coreia</b>
Vaca	X	X	X	X	X		X	
Porco	X	X	X			X	X	
Cavalo/rã			X					
Cachorro							X	X
Gato / Lagartixa							X	

Fonte: A autora (2022), com base em Abreu (2010)

Desta forma, deduz-se conforme a cultura e o seu contexto, o animal pode ser considerado comestível ou não, baseando-se em aspectos sociais, econômicos e religiosos, conforme o animal “vaca”, que em diversos países é fonte de alimento e comércio, porém, na Índia é considerada um ser sagrado para o Hindu, cerca de 80% da população segue esta religião em que se simboliza que a vaca reencarna valores como altruísmo e sem violência e circula livremente pelas cidades.

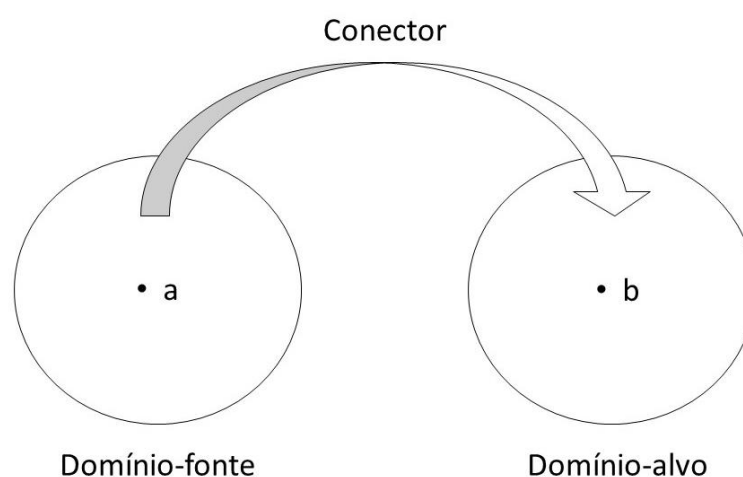
Ao analisar a gramática de algumas línguas que possuem a expressão gramatical da categoria de gênero, também é possível encontrar diferenças, como ocorre com a palavra “sangue”: em espanhol, esta palavra é feminina – “la sangre” – e em português é masculina – “o sangue”. O mesmo fenômeno é observado com a palavra “planeta”: em francês é feminina – “la planète” – e em português masculina – “o planeta”. Isto é, a categorização de vocábulos em relação ao gênero é variável de acordo com a língua e a cultura em questão.

### 2.2.2.3 Espaços mentais

Espaços mentais são, nas palavras de Fauconnier (1994), domínios cognitivos representados por algumas expressões linguísticas e por sistemas de identificação de

segmentos em distintas áreas como a psicologia, a cultura, a história, bem como a ficção. Neste contexto, explicita-se que há referência a um determinado elemento “a” estabelecido em um domínio cognitivo particular, nomeado domínio-fonte. Por meio de um conector, que poderá ser um fenômeno linguístico, o outro sistema de composição de espaço, as peculiaridades deste componente “a” são projetadas para um componente “b”, constituído em outro domínio cognitivo, denominado domínio-alvo, representado na Figura 3:

Figura 3 – Esquema de projeção de elementos entre espaços mentais diferentes



Fonte: Fauconnier (1994)

O esboço descritivo de Fauconnier (1994), identificado como um esquema de projeção de elementos entre espaços mentais diferentes, em que o ponto *a* atua como um referente para a interpretação do ponto *b*, demonstra a origem de uma imensa rede de vínculos entre domínios cognitivos que se estruturam na linguagem. Em situações em que ocorrem ações comunicativas, estimulam-se diferentes espaços mentais e interligam-se vários segmentos desses espaços, ocasionando uma rede de projeções, de modo que a linguagem se caracteriza como um emaranhado de componentes entre domínios e projeções. Pode-se entender que a linguagem humana se realiza por analogias ou associações a todo momento, fundamentando o raciocínio em ocasiões mais simples ou construções mais complexas.

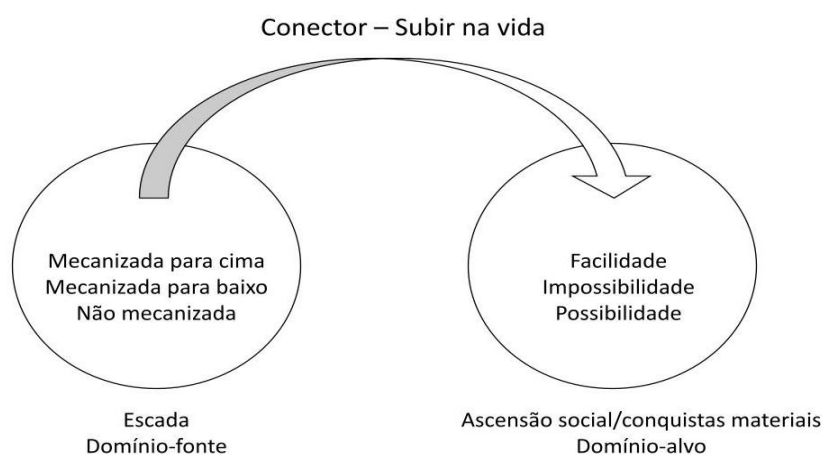
Esse processo de projeções de elementos de um domínio-fonte para um domínio-alvo corresponde a um princípio mais amplo, denominado de Princípio de Identificação ou, por Fauconnier (1997, p. 41), nomeado de Princípio de Acesso, sintetizado da seguinte maneira: “Se dois objetos *a* e *b* se ligam por uma função

pragmática  $F$  ( $b = F(a)$ ), então uma descrição de  $a$  pode ser usada para identificar sua contraparte  $b$ .”

Entende-se por “função pragmática”, de acordo com Fauconnier (1994, p. 3), a instauração de “[...] ligações entre objetos de natureza diferente por razões psicológicas, culturais ou localizadamente pragmáticas [...]”. De acordo com o autor, há causas de natureza extralinguística que fundamentam o fenômeno da projeção, e isso é de expressiva importância para o nosso estudo sobre metáforas.

Para ilustrarmos essa relevância, com base em Fauconnier, elaboramos a Figura 4, um esquema inicial para a metáfora SUBIR NA VIDA, que será retomado e ampliado no capítulo 3, fundamentado na projeção de elementos entre diferentes espaços mentais:

Figura 4 - Esquema de projeção de elementos entre espaços mentais



Fonte: A autora (2023), com base em Fauconnier (1994)

A Figura 1 propõe caracterizar o domínio-alvo projetado em relação ao domínio-fonte e mediado pela metáfora conceitual – SUBIR NA VIDA. O objeto escada (mecanizada para cima, para baixo ou não mecanizada) se estende sobre o domínio-alvo e se conecta com os conceitos de (a) **facilidade** (subir utilizando uma escada mecanizada que vai para cima é uma ação que se executa com facilidade, até mesmo se a pessoa ficar parada), (b) **impossibilidade** (subir utilizando uma escada mecanizada que vai para baixo, seguindo no movimento e na direção contrários, é uma ação que pode ser impossível) e (c) **possibilidade** (subir utilizando uma escada convencional de alvenaria, por exemplo, é uma ação possível, com algum esforço).

Se compreendermos a metáfora conceitual SUBIR NA VIDA dentro do esquema de projeção de elementos entre espaços mentais ilustrado pela Figura 4, portanto, podemos explicar como os diferentes domínios são acionados para a representação da meritocracia como uma falácia, tendo em vista o tipo de distinção que se fez entre os modos de deslocamento para cima que existem – o que, em última análise, representa a desigualdade de condições sociais. Em outras palavras, a metáfora (conceitual) SUBIR NA VIDA é compreendida pelo uso de um domínio mental (domínio-fonte) associado com aspectos físicos ou concretos da experiência em termos de outro (domínio-alvo), relacionado com os aspectos abstratos.

É relevante contextualizar que, a partir desses preceitos dos espaços mentais, ampliaram-se os estudos acerca da metáfora conceitual, os quais passaram a integrar a compreensão dos espaços mentais na descrição dos processos de metaforização. A conceitualização expressa pelos falantes e os elementos relacionados com as questões de cunho biológico, cultural, social e experiencial passaram a integrar a compreensão do processamento da metáfora e, mais amplamente, da cognição humana.

### 2.3 A METÁFORA NA TEORIA COGNITIVA

O termo metáfora, em conformidade ao dicionário Michaelis (2016), provém do grego *metaphorá*, que significa “transferência”. Por sua vez, *metaphorá* é derivada de *metapherein*, palavra que significa “trocar de lugar” e é composta por *meta* (“sobre” ou “além”) e *pherein* (“levar”, “transportar”), quer dizer, estão incutidas as noções de movimento e de transferência. Desde a premissa inicial, de função figurativa, linguagem artística e com fins poéticos, até ser entendida como um processo cognitivo (no escopo da LC), imprescindível para a comunicação, os estudos de metáfora passaram por um percurso extenso, com especial contribuição das pesquisas linguísticas.

Embora a metáfora tenha sido objeto de pesquisa de diversos estudiosos, analisada em muitos trabalhos, na linguística foi de extrema relevância a obra *Metaphors We live by*, de Lakoff e Johnson (1980). Os autores entendem que “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica” (p. 3). Desse modo, surge a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Para esses autores, o papel da metáfora é

[...] fundamental na linguagem e no pensamento do dia a dia – dados de que não podiam dar conta nenhuma das teorias anglo-americanas da significação, nem em linguística nem em filosofia. Nestas duas disciplinas, considerou-se tradicionalmente a metáfora como um problema de interesse menor. Pensamos que se trata, pelo contrário, de um problema central, que fornece, talvez, a chave de uma teoria da compreensão (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 7)

Ao fundamentar a metáfora na mente, Lakoff e colaboradores tentaram retirar da metáfora o seu caráter unicamente simbólico, ressaltando o seu papel na elaboração de conceitos. E, assim, a metáfora conceitual é compreendida pela utilização de um domínio mental (domínio-fonte) em relação de outro (domínio-alvo), como discutimos anteriormente. Há, também, a metáfora imagética, na qual o mapeamento conceitual ocorre de uma imagem convencional para outra. Em grande medida, a metáfora é um artifício mental ou mesmo:

[...] um dos mais importantes instrumentos para tentar compreender parcialmente o que não pode ser compreendido em sua totalidade: nossos sentimentos, nossas experiências estéticas, nossas práticas morais e nossa consciência espiritual. Esses esforços da imaginação não são destituídos de racionalidade; como se utilizam da metáfora, empregam uma racionalidade imaginativa (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 303).

O fenômeno da metáfora é compreendido como ferramenta baseada na teoria da cognição e como constructo conceitual, abrangendo domínios cognitivos (experiências) distintos e projetando domínios distintos uns sobre os outros. Lakoff e Johnson assumem a metáfora como um elemento estruturado e difundido na linguagem corriqueira, uma manifestação conceitual e mental, que envolve o mapeamento de conceitos entre campos mentais, do mais concreto ao mais abstrato (do domínio-fonte para o domínio-alvo).

A TMC promove a metáfora não como uma linguagem de “ornamento” das ideias (STEFANOWITSCH, 2005, p. 163), mas como um recurso de pensamento e de enquadramento do mundo que pode ser descrito por uma perspectiva cognitivista da linguagem, sendo apresentados os seguintes aspectos:

(i) se a metáfora fosse um recurso estilístico simples, ela não apresentaria tão alto grau de sistematicidade e ocorrência;

(ii) se a metáfora fosse tão somente um recurso ornamental da linguagem, existiria sempre uma expressão literal correspondente a cada expressão metafórica;



(iii) nas metáforas, o mapeamento é sempre unidirecional, acontecendo do domínio mais concreto para o mais abstrato e não vice-versa. Se a metáfora fosse um recurso puramente estilístico, a unidirecionalidade seria acidental e não sistemática.

Dessa forma, a metáfora não se constitui somente como uma transferência similar de uma categoria para outra de domínio diferente, porém contempla uma correspondência sistemática e coerente, sendo associados domínios abstratos em termos de domínios concretos e familiarizados, isto é, conforme nossa vivência concreta ou nossa experiência corporificada. A grande guinada da TMC é justamente essa mudança no modo de compreender a metáfora, em que ela não é mais

[...] parte apenas da linguagem poética ou da retórica, mas pode ser encontrada em diferentes gêneros discursivos e expressando diversos temas; que ela tem papel cognitivo, sendo uma das formas que usamos para estruturar nosso pensamento; que ela é gerada pela nossa experiência com nosso corpo e o mundo em que vivemos. Na verdade, essas ideias vão além dos limites das metáforas: sacodem conceitos estabelecidos há centenas de anos sobre as nossas visões de língua, mente e razão. A língua, tida como literal em sua base, mostra-se em grande parte metafórica; o homem cartesiano, com uma mente transcendental, dá lugar a uma mente integrada ao corpo, a chamada mente corpórea; a razão, dita característica humana, configura-se como um contínuo entre os vários seres vivos, tendo os homens e as amebas em suas extremidades opostas. (PELOSI; FELTES; FARIAS, 2014, p. 99)

A metáfora é definida como um processo de compreensão de um domínio conceitual por meio de outro. Por isso, a projeção metafórica se destaca na teoria cognitiva, tida como um processo imprescindível no cotidiano da linguagem, do pensamento e da ação, ou seja, a metáfora pertence ao cotidiano da linguagem e estrutura parte do nosso sistema cognitivo e linguístico.

Consideramos a metáfora essencial à compreensão humana e um mecanismo de criação de novos sentidos e de novas realidades em nossas vidas. Isso nos coloca em oposição à maior parte da tradição filosófica ocidental, que tem visto a metáfora como agente do subjetivismo e, por consequência, como subversivo na busca da verdade absoluta (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], p. 306).

E quando se analisa Cuenca e Hilferty (1999) que afirma “La metáfora desarrolla una función importante, ya que es capaz de estructurar y remodelar una concepción determinada, transformándola en otra concepción más familiar”. Compreende-se que se emprega no corpus estudado SUBIR NA VIDA, em que estruturamos um conceito que para muitos espectadores seria difícil a seu

entendimento, optou-se em demonstrar de forma menos abstrata por meio de escadas e os devidos esforços que nem sempre são dignos ou justos.

Ainda Cuenca e Hilferty (1999, p.11) estabelecem que, só no ano de 1987, originou-se essa ciência, por meio da publicação do primeiro volume de *Foundations of cognitive grammar* de Langacker, e do livro *Women, fire and dangerous things*, de Lakoff, obra que, em consonância com Batoréo (2000, p. 131), é parâmetro para outros estudos realizados nesse âmbito.

Silva (2004, p.1) considera que os pontos de partida para institucionalizar e consolidar a LC como paradigma científico foram a criação da *International Cognitive Linguistics Association* e a realização do primeiro *International Cognitive Linguistics Conference*, realizados em Duisburg, na Alemanha, em 1989, e posteriormente a fundação da revista *Cognitive Linguistics* e da coleção *Cognitive Linguistics Research*, em 1990.

Ainda Lakoff e Johnson (1980) exemplificam esse mecanismo de criação de sentidos e de novas realidades a partir da metáfora da vida humana como uma viagem, ou melhor, três viagens: a primeira é a do nascimento, a chegada ao mundo, *o bebê está a caminho*; a segunda é o percurso até a morte, no qual somos viajantes, os objetivos são as direções, os meios são para realizar os percursos, percalços são os empecilhos, o êxito é o percurso percorrido com sucesso, e as opções selecionadas são encruzilhadas; e, por último, a terceira viagem, a morte, quando se expressa: ela partiu, foi para a morada eterna.

Ainda se faz necessário abordar a metáfora conceitual em uma perspectiva relacionada ao pensamento e à ação:

Esse processo de geração de metáforas conceituais deve-se à capacidade imaginativa da razão humana, uma razão corpórea, no sentido de que as estruturas diretamente significativas para o ser humano derivam de sua experiência corporal. Essa experiência orienta a geração de esquemas de imagens de natureza cinestésica, que têm o corpo como ponto de referência; são esquemas basilares para a formação das demais estruturas cognitivas humanas. Todos esses processos são inconscientes e automáticos em sua origem. Como se disse, as metáforas conceituais estão presentes em toda experiência humana e encontram-se em diversas formas de discurso. (PELOSI; FELTES; FARIAS, 2014, p. 89)

E como um mecanismo que se dispõe conceituando um domínio de experiência em relação a outro, conforme Ferrari (2011), pode-se constatar, em cada termo

metafórico, um domínio-fonte (caracterizado por aspectos físicos e por aspectos concretos da experiência) e um domínio-alvo (com aspectos abstratos). Em resumo,

[...] (1) o **domínio-fonte** tem (i) base sensorial (ii) com esquemas de imagem mais genéricos, (iii) os quais se qualificam como universais através das experiências humanas bio-socioculturais (iv) e de natureza relacional; e (2) o **domínio-alvo** (i) não tem conteúdo de imagem e (ii) é mais abstrato, no sentido de que, com relação ao domínio-fonte primário, é menos ligado a fatores sensoriais e perceptivos e, além disso, refere-se a unidades ou parâmetros de função cognitiva num nível de consciência mais baixo, no qual respostas cognitivas a experiências perceptuais de natureza cinestésicas e/ou sensoriais-motoras estariam engramadas. (PELOSI; FELTES; FARIAS, 2014, p. 101)

Para exemplificarmos e conceituarmos essas questões relacionadas entre domínio-fonte e domínio-alvo, com base em Lakoff e Johnson (1980), será analisado o conceito de DISCUSSÃO e a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, muito frequente em expressões cotidianas e concretizada em ocorrências tais como: (a) “Suas reivindicações são *indefensáveis*.”, (b) “Ele *atacou* todos os pontos fracos do meu argumento.” e em (c) “Ele *derrubou* todos os meus argumentos.”

Pode-se observar, nesses exemplos, que abordamos o conceito de discussão em função da concepção de guerra, isto é, há um adversário e um conflito, por isso atacamos e defendemos nossas ideias e realizamos ações violentas, como *derrubar* e *atacar*. Mesmo sem haver um confronto físico de fato, a discussão é compreendida em um enquadramento de confronto, aí surgem os termos de guerra, em um processo metaforicamente organizado. Nos exemplos das expressões metafóricas em (a), (b) e (c), compreendemos o funcionamento em diferentes instanciações da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA – nos três casos, temos a mesma metáfora, em três instanciações distintas. Mais uma vez, resta demonstrado que a metáfora se produz mediante o entendimento de um termo em relação ao outro e que é sistemática enquanto processo mental.

No funcionamento regular da língua, a/o falante ou escrevente, expressam pensamentos, reflexões, emoções por meio do emprego de metáforas conceituais, em que espaços mentais distintos são mobilizados, uns em benefício da compreensão de outros,

[...] ou seja, [o falante] mapeia dois domínios: o domínio-alvo, uma categoria ou conceito mais abstrato que ele busca entender; e o domínio-fonte, as categorias ou conceitos que ele compreende a partir de alguma experiência mais direta, em geral de base perceptual, a qual organiza tal

domínio-fonte. Assim, o aprendiz associa (mapeia) um domínio ao outro através do estabelecimento de alguma relação (em geral) analógica possível e a seu alcance. (PELOSI; FELTES; FARIAS, 2014, p. 90)

O quadro 2, a seguir, apresenta uma correlação entre dois domínios conceituais para a instanciação da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Neste exemplo, características de nossas experiências, com base no domínio-fonte (viagem), são mapeadas e atribuídas ao domínio-alvo (amor). Dessa forma, correlacionam-se:

Quadro 2 - Mapeamento metafórico AMOR É UMA VIAGEM

<b>Domínio-fonte – viagem</b>	<b>Domínio-alvo – amor</b>
Passageiro	Ser humano
Fim do trajeto	Rompimento amoroso
Caminho tranquilo	Momentos românticos
Caminho instável	Percalços amorosos
Paradas no trajeto	Brigas e recomeços

Fonte: A autora (2023), com base em Lakoff e Johnson (2002 p.46)

Para se compreender um domínio-alvo em relação a um domínio-fonte, é necessário possuir um conhecimento apropriado do último. Então, baseados na metáfora AMOR É UMA VIAGEM, demonstra-se que o nosso entendimento sobre o amor corresponde a uma viagem sendo contextualizada a partir de nosso conhecimento sobre viagens. Pode-se deduzir, do mapeamento, por meio da metáfora em estudo, e fazer a correspondência entre: (i) quando um casal decide caminhar junto, em uma jornada a dois, o relacionamento passará por diferentes estágios/fases de convivência na relação e (ii) há momentos em que ocorrerão situações difíceis, divergências conjugais.

Essa correspondência é feita por meio de dois elementos: (i) a estrutura do nosso conhecimento referente a viagens e (ii) a nossa capacidade de mapear uma concepção de vida a partir desse conhecimento estruturado (LAKOFF; TURNER, 1989), o qual os autores vão chamar de “esquema”. São esses esquemas conceituais que organizam o nosso conhecimento.

Dessa forma, a metáfora é processada (produzida e compreendida) com base no sistema conceitual, que inclui inúmeras estruturas, entre elas os esquemas e as próprias metáforas armazenadas na memória. Uma vez que aprendemos um esquema e uma metáfora conceitual, ambos se tornam convencionalizados, o que faz com que seus usos se tornem automáticos, inconscientes e constantes.

Existem três tipos de metáforas conceituais que estão diretamente relacionadas ao objeto de estudo desta pesquisa. Em conformidade com Lakoff e Johnson (2002), esses três tipos de metáforas conceituais são: (i) estruturais, (ii) orientacionais e (iii) ontológicas. Vejamos cada um desses tipos a partir de uma metáfora conceitual que o represente.

A metáfora O AMOR É UMA VIAGEM enquadra-se no primeiro tipo, entre as metáforas estruturais, pois ocorre uma construção do conceito de AMOR com base em elementos de uma viagem, um conceito é compreendido em termos de outro.

No segundo tipo, denominado metáforas orientacionais, ocorre a construção de um sistema de conceito vinculado a outro. Na maior parte, essas metáforas estão ligadas com nossas práticas físicas e culturais, sob o enfoque de nortear termos espaciais, direção, como em: BOM É PARA CIMA / MAU É PARA BAIXO; STATUS SUPERIOR É PARA CIMA / STATUS INFERIOR É PARA BAIXO; FELIZ É PARA CIMA / TRISTE É PARA BAIXO. Desta forma, a metáfora conceitual que caracterizou nosso estudo foi a orientacional, pois a associação das escadas sempre intencionadas com a ação PARA CIMA com o intuito de representar conquistas materiais ou de ascensão social, promovendo-se a metáfora SUBIR NA VIDA.

Em resumo, conforme estudos realizados por Lakoff e Johnson (2002, p. 18) sobre as metáforas orientacionais, define-se que

- a metáfora orientacional possui uma estrutura interna;
- há uma organização externa geral que inter-relaciona inúmeras metáforas, construindo correlação entre elas;
- as vivências físicas e culturais relacionam-se com as metáforas de orientação;
- há distintos suportes físicos e socioculturais para o entendimento de uma metáfora;

- em diversos fenômenos linguísticos, a metáfora espacial é tão imprescindível que não se conseguiria organizar outra metáfora para esquematizá-la;
- a metáfora espacial pode mudar de uma cultura para a outra, pois se originam por meio de nossos conhecimentos sociais e culturais;
- e, para finalizar, há certa dificuldade em separar o que é base física de base cultural, pois sempre se coloca a base física em conformidade com o enfoque cultural.

Por fim, o terceiro tipo é o das metáforas ontológicas, que se constroem a partir de nossas experiências com objetos físicos e nos possibilitam compreender coisas abstratas como entidades e substâncias em termos de coisas concretas e/ou convencionais. Nas próprias palavras dos autores, considera-se que “[...] talvez as metáforas ontológicas mais óbvias sejam aquelas nas quais os objetos físicos são concebidos como pessoas” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 87). Pode-se exemplificar com a metáfora ontológica MENTE É UMA MÁQUINA, que provém expressões como “A minha mente não está funcionando hoje” ou “Estou um pouco enferrujado hoje”.

As metáforas ontológicas seriam a forma mais fácil de se compreender nossas experiências no mundo. Sendo assim, as metáforas ontológicas, como são chamadas essas experiências, “[...] são formas de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias como substâncias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 26).

Com base nas três classificações de tipos de metáforas conceituais que apresentamos, elaboraram-se alguns exemplos para ilustrar como as metáforas com cunho conceitual são utilizadas e incorporadas em nossa linguagem diária, de acordo com Lakoff e Johnson (2002):

a) “O jovem bateu de frente com sua mãe”. Associa-se com a metáfora estrutural – DISCUSSÃO É GUERRA – ocorre uma inter-relação de discutir com combate bélico, em que possa haver vitória ou derrota perante o confronto. Porém, reafirma-se que, em uma discussão, a luta é de modo verbal e não ato físico, observando-se o contexto cultural, pois nem todas as culturas assumem que o conceito de discussão é compreendido em termos de briga ou confronto.

b) “Não perderei meu tempo com coisas inúteis”. Um conceito metafórico estrutural (uma explicação é organizada em termos de outra) e, na maioria das culturas, tempo é associado a valor monetário, bem valedouro, ou seja, tempo é dinheiro, que não se pode desperdiçar com ações ou assuntos insignificantes. Então,

tempo é dinheiro, tempo é um bem valioso são conceitos dispostos um em relação ao outro.

c) “Acordei muito para baixo devido ao ocorrido nesta semana”. Um conceito metafórico orientacional (direção de postura para cima/para baixo). Estar desanimado, deprimido é para baixo, sinônimo de que não se está de modo confortável, deduz-se que a pessoa está com postura cabisbaixa, abatida.

d) “Estudou tanto para a prova que sua mente quase pifou”. Um conceito metafórico ontológico (ocorre a interligação entre a máquina (objeto) com a mente do ser humano), isto é, a mente, assim como uma máquina, se não preservada, pode ter danos. Associa-se mente *on* (ligada, em uso) e *off* (desligada, quando não estiver em uso), aos moldes do funcionamento de uma máquina.

No epílogo da reedição de *Metaphors We live by* (2002), Lakoff e Johnson afirmam que muitas pesquisas sobre a metáfora foram desenvolvidas desde a publicação original da obra (de 1980). Assim, novas compreensões foram construídas, porém, permanecem as seguintes premissas:

- as metáforas são originalmente de cunho conceitual e a linguagem metafórica se emprega de forma secundária;
- o pensamento é majoritariamente metafórico;
- as metáforas são construídas a partir das experiências vivenciadas;
- o pensamento metafórico é algo que não se pode evitar, está onipresente e inconsciente;
- acepções abstratas não são completas sem as metáforas para a compreensão.

Nesse panorama, as metáforas não só são vistas como integrantes da linguagem, do pensamento e da ação, como também um modo de experienciar o mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Por isso, como observa Johnson (1987), metáforas não referenciam meramente uma experiência pré-existente, independente, porém contribuem para o processo pelo qual nossa experiência e nossa compreensão (nosso modo de conceber o mundo) são estruturadas de maneira coerente e significativa.

## 2.4 ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE A METÁFORA CONCEITUAL

Os temas em torno da metáfora conceitual, desde a proposição da TMC, têm sido proficuamente pesquisados nacional e internacionalmente, demonstrando a relevância e a atualidade desse objeto de estudo no mundo acadêmico. Nessas pesquisas, os interesses não apenas se voltam para explanar a relação entre cognição e metáfora, mas para construir uma compreensão mais clara a respeito do sistema cognitivo humano. Em suma, a TMC tem contribuído para a descrição de fatores relevantes da cognição humana e de como esses fatores se relacionam com a experiência, com a cultura e com outros elementos não linguísticos.

Além disso, existe o potencial de pesquisas no campo da metáfora contribuir para a compreensão de mundo relacionada a outros aspectos da atividade humana. As metáforas conceituais têm uma função relevante na conceitualização de muitos domínios. Constituem uma maneira de pensar também em domínios como, por exemplo, a ética (JOHNSON, 1993) e a política (LAKOFF, 1992), colaborando com o desenvolvimento dos estudos nas ciências cognitivas e sociais.

A fim de ilustrarmos esse potencial e de apresentarmos a atualidade de pesquisas no campo da metáfora, serão apresentados estudos recentes desenvolvidos no Brasil e seus resultados, com o intuito de caracterizarmos também o *estado da arte*. Os trabalhos resumidos serão apresentados por ordem cronológica e serão explanados quanto a: título da tese ou dissertação, autor(es), tema, problema, objetivos, hipóteses, metodologia e resultados.

Em 2015, a tese de autoria de Débora Taís Batista de Abreu, intitulada “Metáfora e Emoção: sobre a Conceptualização na Língua Portuguesa”, investigou a conceitualização das emoções, fundamentada na linguística cognitiva. O *corpus* utilizado foi a rede social Twitter, com o intuito de evidenciar fenômenos metafóricos para *tristeza* e *felicidade*, observando-se a conceitualização destes na língua portuguesa do Brasil. O trabalho estudou as metáforas primárias e complexas e como os modelos cognitivos idealizados compõem as concepções de emoção.

Abreu (2015) observou que a linguagem metafórica esteve expressivamente presente no *corpus* analisado. Evidenciaram-se distintos modelos cognitivos metafóricos subentendidos aos preceitos de *tristeza* e *felicidade*, comprovando, assim, que os conceitos das emoções constituem-se de categorias complexas estruturadas por muitos modelos cognitivos, ou seja, para cada fenômeno, foram identificadas metáforas conceituais primárias que o estruturam e que foram



organizadas e associadas em metáfora complexa, sinalizando que há distintas metáforas conceituais na base dos modelos metafóricos para o domínio emocional.

Além disso, Abreu (2015) conclui que há indícios de algumas metáforas conceituais serem universais, devido a experiências corpóreas que estão propensas à universalidade, a partir de modelos previstos na língua inglesa, tanto no âmbito emocional, em geral, como especificamente para *tristeza* e *felicidade*, os quais aparecem igualmente na língua portuguesa, indicando que pode haver correlação entre as línguas e um caráter universal. Mas vale salientar que, devido aos aspectos culturais, eles não foram observados. Estes eventos não são determinantes, pois há modelos que aparecem na língua inglesa, mas não foram contemplados na língua portuguesa e vice-versa, propondo-se que os fenômenos identificados possuem suas peculiaridades estabelecidas culturalmente.

Em 2019, a pesquisa de Lucas Barbosa de Melo, intitulada “Metáforas em línguas indígenas: conceitualização de emoções”, estudou o uso de metáforas e metonímias conceituais nas línguas indígenas brasileiras Baniwa, Gavião Ikólóehy, Kaiowá, Kayabí, Xavante e Xerente. Observaram-se expressões linguísticas para o conceito de “emoção”, estruturadas sob o enfoque da teoria da metáfora conceitual, que entende este processo da cognição como inerente ao ser humano, uma vez que se relaciona com a construção, organização e inferência das experiências humanas e sua compreensão. A metodologia adotada no trabalho foi a *usage-based models of languages*, de Barlow e Kemmer (2000), segundo a qual a análise linguística é pautada em situações de uso.

As línguas indígenas brasileiras analisadas, segundo Melo (2019), demonstram possuir estruturas metafóricas e metonímicas nos domínios-fonte da fauna e flora, do corpo humano, das ferramentas, construções e edificações, dimensões físicas, como grande e pequeno, das formas, como achatado e redondo, das sensações físicas, como calor, frio e forças, percepções visuais de claro escuro, de deslocamento no espaço, das entidades míticas e de artefatos. Essas estruturas metafóricas, segundo o autor, correspondem a itens lexicais e sentenças.

Outro trabalho produzido em 2019, intitulado “Sobre o amor, variação metafórica de expressões de sentimento em português brasileiro e português europeu”, de Laís Moreira Nogueira, investigou a variação metafórica, envolvendo um sentimento global: *o amor*. O *corpus* foi constituído por entrevista por meio de perguntas on-line com diversos perfis de falantes do português europeu e do

português brasileiro. Em seguida, realizou-se uma análise qualitativo-interpretativa em busca das metáforas que estavam presentes nos textos produzidos pelos informantes. Selecionaram-se fenômenos e metáforas corriqueiras, em que ocorria a referência a um sentimento; em seguida, a autora realizou uma comparação entre o modo de conceitualização desse sentimento em distintas variantes, observando as perspectivas culturais e baseando-se em preceitos universais.

O estudo de Nogueira (2019) é perpassado por um aspecto universalista, mas também enfoca as distintas inter-relações culturais, quer dizer, as prováveis diferenças culturais entre Portugal e Brasil e como influenciariam na construção das metáforas. Na análise qualitativa, a autora demonstrou que a metáfora que se sobressaiu foi a da completude ou de que *peçoas que se amam são partes complementares que formam um todo*.

Esse estudo analisou metáforas correntes, que estivessem em uso, e a expectativa era que se encontrassem metáforas novas, que correspondessem à concepção de amor atualizada com o tempo em que vivemos. Há, portanto, inicialmente, duas quebras de expectativa: a primeira, em relação à não semelhança; e a outra referente à novidade das metáforas encontradas. Diferentemente, a ideia de que os amantes são partes complementares está presente em “O Banquete”, de Platão, um texto escrito por volta de 380 a.C. ou ainda na expressão *complexio oppositorum* – a união dos opostos – utilizada para definição de amor Eros, um dos conceitos de amor que figura entre os gregos (BRANDÃO, 1996). Como conclusão, a partir desses resultados, constatou-se que as metáforas mais representativas do sentimento AMOR estão fundamentadas em exemplos profundamente incorporados em nossa cultura, que se referem à origem da civilização grega, passando por Platão e Aristóteles.

Ainda em 2019, a investigação “Metáforas conceituais que categorizam a reforma trabalhista no gênero charge: uma análise semântico-cognitiva”, de Luiz Henrique Santos de Andrade, objetivou reconhecer, descrever e analisar as metáforas conceituais e respectivos fenômenos linguísticos aliados aos elementos visuais utilizados no *corpus* composto por charges de temática definida. A hipótese dava conta de que seria possível caracterizar a conceitualização da Reforma Trabalhista e dos agentes envolvidos nela pelo Estado (Executivo, legislativo, grande parcela dos empresários brasileiros e os trabalhadores) de acordo com a perspectiva dos

chargistas, revelando-nos, assim, alguns valores ideológicos que alicerçaram as charges em estudo.

O trabalho tem seu escopo na descrição e análise de blogs pessoais e de 42 charges coletadas de setembro a novembro de 2017, as quais abordavam a Reforma Trabalhista, coletadas em sites especializados e blogs de renomados chargistas, durante o mandato do ex-presidente Michel Temer.

Andrade (2019) constatou que as inter-relações entre metáfora conceitual, ideologia e cultura são elementos intrínsecos entre si, pois a investigação da conceitualização da Reforma Trabalhista, em circunstâncias de cunho social, histórico e político, influenciou de forma relevante o modo como ela foi categorizada no material analisado. Ainda, identificaram-se valores ideológicos nas metáforas conceituais, como: escravo, burro de carga, entre outros, ressaltando-se que foram reproduzidos com o intuito de marcar para a Reforma um valor pejorativo, voltada para desqualificar o trabalhador, explorá-lo, desumanizá-lo e acentuar ainda mais as desigualdades sociais. Detecta-se que estes valores seguem paradigmas que interessam a um grupo social e representantes de um Estado-Nação (alguns políticos) e como um meio eficaz de persuadir interlocutores conforme esses interesses. Por fim, corrobora-se que as metáforas estudadas contribuem com as críticas elaboradas pelos chargistas e com a função/estratégia semântico-discursiva de denunciar os efeitos da Reforma, como foi assinalado pelo autor.

Em 2021, a pesquisa “Luz e escuridão na terra média: as metáforas conceituais que regem ‘O Senhor dos Anéis’”, desenvolvida por Mariana Moreira Nunes Santa Maria, investigou as metáforas *maldade é escuridão*, *bondade é luz*, isto é, *luz* e *escuridão*, bem como a divisão *bem x mal* na obra literária *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien.

Segundo Santa Maria (2021), a partir da caracterização de entidades, objetos e lugares do *bem* e do *mal* em termos de *luz* e *escuridão*, respectivamente, deduz-se que o domínio do *Bem* e seus respectivos termos são representados pela metáfora *Bondade é luz*; o domínio do *mal*, pela metáfora *maldade é escuridão*. Tanto os agentes da escuridão quanto os lugares e objetos a eles associados são organizados pela acepção de *escuridão*. E os Agentes de luz e os lugares e objetos a eles associados são organizados pela acepção de *luz*.

Conforme a autora, a construção conceitual evidenciada na dicotomia *luz x escuridão* é imprescindível para a progressão da narrativa, estabelecendo papéis,

partes do enredo, e colabora com a elaboração da expectativa do leitor em relação aos domínios utilizados, proporcionando o inusitado no enredo. Os resultados desse estudo auxiliam no entendimento dos domínios usados para estabelecer a dicotomia *bem x mal*, tema de inúmeras propostas de produção de texto, por exemplo, extrapolando a descrição das metáforas para além da obra analisada. Como já citado anteriormente, a caracterização de personagens, objetos e lugares também oferece uma estrutura lógica para a exploração dos campos semânticos relacionados aos domínios-fonte e alvo.

Em 2021, a recente pesquisa “Metáforas sistemáticas no discurso de adultos em processo de aprendizagem de leitura”, de Wilza Karla Leão de Macedo, investigou as metáforas que emergem no discurso de adultos em processo de alfabetização. A autora recortou para análise metáforas a respeito do tema “(Não) Aprendizagem de leitura”, identificando quais metáforas se estabilizam no discurso dos participantes como metáforas linguísticas, via veículos metafóricos, e como metáforas sistemáticas, estruturando-se uma relação teórico-discursiva entre fenômenos sobre metáfora e discurso.

A pesquisa foi desenvolvida, com cunho quali-quantitativo, em uma escola da cidade de Itabuna, no estado da Bahia, com informantes de dois grupos de educandos adultos que estavam em processo de alfabetização. O *corpus* é composto por transcrições, nomeadas no estudo de *excertos*, analisados em um contexto discursivo com esquema imagético por meio do qual ocorreria a metáfora conceitual interconectada com o excerto. A análise se configurou nas expressões de sentimento, percepções, projeções, com o propósito de construir conexões com outras vivências sensoriais e concretas experienciadas pelos envolvidos. O trabalho de Macedo (2021) realiza uma interface de teorias, abordagens e experiências discursivas, a partir da Análise do Discurso à luz da metáfora, considerando uma interface com estudos de Bakhtin e de Lakoff e Johnson.

Conforme Macedo (2021), as metáforas manifestam-se no discurso de adultos em processo de alfabetização sobre o tema “(Não) Aprendizagem de leitura”, construindo uma conexão teórico-discursiva entre estudos sobre metáfora e discurso. Existem diversos processos cognitivos envolvidos em meio às palavras verbalizadas pelos informantes, algumas de maneira fluida, outras expressando ideias fixas.

A autora destaca que a linguagem metafórica está sujeita à dinâmica de auto-organização nas formas emergentes de falar e pensar. Ao longo do evento discursivo,

os participantes usaram um conjunto particular de veículos metafóricos, demonstrando questões de identidade, visto que foram dois grupos focais que falaram de “Leitura” e sua importância. Por isso, as metáforas sistemáticas não apareceram de uma metáfora única e ainda um novo item foi criado, o *Outro*, transposto de maneira coerente à instância discursiva, à condição emergente da situação, observada a existência de suas ideologias, crenças e da dialogia.

Para sintetizar os estudos dos trabalhos resumidos que contribuem para uma reflexão e análise sobre a relevância do tema desta dissertação elaborada, para contribuir com várias áreas em que a metáfora auxilia e sana inúmeras formas transdisciplinares, estes trabalhos datados de 2015 a 2021, mostram, portanto, que retomando aos conceitos iniciais apresentados sob o prisma de Lakoff e Johnson (1980), uma metáfora conceitual é uma construção que se alicerça na vivência de experiências cotidianas. Não se analisa a metáfora apenas como uma figura de linguagem, logo os autores a apresentam como “mecanismo imaginativo da razão”, bem contextualizados no *estado da arte* visto anteriormente.

A seguir, apresentamos um quadro-síntese dos estudos recentes que selecionamos nesta revisão:

Quadro 3 - Estudos sobre a metáfora conceitual

Título da Dissertação/Tese	Autor/ano	Tema	Problema	Objetivos	Hipótese	Metodologia	Resultados Principais
“Metáfora e Emoção: sobre a Conceptualização na Língua Portuguesa”	Débora Taís Batista de Abreu (2015)	Emoção: conceito na língua portuguesa	Evidenciar fenômenos metafóricos para <i>tristeza e felicidade</i> , na língua portuguesa do Brasil.	Investigar a conceptualização das emoções, fundamentada na linguística cognitiva.	As emoções estão presentes por meio da linguagem metafórica	O <i>corpus</i> utilizado foi a rede social Twitter	A linguagem metafórica está presente nas emoções, ligados a tristeza e a felicidade.
“Metáforas em línguas indígenas: conceptualização de emoções”	Lucas Barbosa de Melo (2019)	Emoção: conceito metafórico nas línguas indígenas	Analisar Metáforas e metonímias das emoções nas línguas indígenas	Estudar o uso de metáforas/ metonímias nas línguas indígenas brasileiras Baniwa, Gavião Ikolóehy, Kaiowá, Kayabí, Xavante e Xerente.	A linguagem metafórica das emoções é baseada na situação de uso	A <i>usage-based models of languages</i> , de acordo com Barlow e Kemmer (2000)	Expressões linguísticas para o conceito de “emoção”, inerente ao ser humano, das experiências humanas e sua compreensão
“Sobre o amor, variação metafórica de expressões de sentimento em português brasileiro e português europeu”,	Laís Moreira Nogueira (2019)	Amor: expressão metafórica na visão do brasileiro e do europeu	Investigar a variação metafórica de um sentimento/emoção global – o amor	Investigar o sentimento global amor nas expressões brasileiras e europeias	As metáforas correntes, que estivessem em uso, e se encontrassem metáforas novas, à concepção de amor atualizada com o tempo em que vivemos.	Entrevista por meio de perguntas on-line com diversos perfis de falantes do português europeu e do português brasileiro.	As metáforas mais representativas do sentimento AMOR estão fundamentadas, incorporadas em nossa cultura, referem-se à origem da civilização grega, Platão e Aristóteles

Título da Dissertação/Tese	Autor/ano	Tema	Problema	Objetivos	Hipótese	Metodologia	Resultados Principais
“Metáforas conceituais que categorizam a reforma trabalhista no gênero charge: uma análise semântico-cognitiva”,	Luiz Henrique Santos de Andrade (2019)	Metáforas conceituais na reforma trabalhista	Analisar a reforma trabalhista na análise semântico-cognitiva	Reconhecer, descrever e analisar as metáforas conceituais e respectivos fenômenos linguísticos	A conceitualização da Reforma Trabalhista e dos agentes envolvidos nela pelo Estado	Análise de blogs pessoais e de 42 charges coletadas de setembro a novembro de 2017.	Inter-relações entre metáfora conceitual, ideologia e cultura são elementos intrínsecos entre si, e acentuam ainda mais as desigualdades sociais
“Luz e escuridão na terra média: as metáforas conceituais que regem ‘O Senhor dos Anéis’”	Mariana Moreira Nunes Santa Maria (2021)	Divisão das metáforas do bem e do mal na obra “Senhor dos Anéis”	Caracterizar as entidades, objetos e lugares do bem e do mal em termos de luz e escuridão	Investigar as metáforas <i>maldade</i> , <i>escuridão</i> , <i>bondade</i> é luz, isto é, luz e <i>escuridão</i>	Os domínios do bem representam-se pela metáfora bondade é luz; já os domínios do mal, maldade é escuridão	Análise das metáforas na obra literária <i>O Senhor dos Anéis</i> , de J. R. R. Tolkien.	Construção conceitual evidenciada na dicotomia <i>luz</i> x <i>escuridão</i> e estabelecendo a dicotomia entre bem x mal.
“Metáforas sistemáticas no discurso de adultos em processo de aprendizagem de leitura”,	Wilza Karla Leão de Macedo (2021)	Metáforas sistemáticas do mundo adulto em processos de aprendizagem de leitura	Investigar as metáforas do discurso de adultos em processo de (não) aprendizagem da leitura	Investigar as metáforas que emergem no discurso de adultos em processo de alfabetização	As metáforas são construídas de uma conexão teórico-discursiva entre estudos sobre metáfora e discurso.	Quali-quantitativo, em uma escola da cidade de Itabuna, Bahia, com dois grupos de educandos adultos em processo de alfabetização.	Veículos metafóricos de identidade, situação, ideologia, crença e da dialogia

Fonte: A autora (2023), grifo nosso.

A amostra da diversidade de recentes trabalhos científicos em torno da metáfora que acabamos de apresentar confirma a gama de áreas de interesse e também de estudos transdisciplinares que compreendem a metáfora conceitual como objeto de pesquisa. Sua investigação, para além da compreensão do fenômeno, também abre um imenso campo de reflexão sobre como surgem as metáforas, como as metáforas são estruturadas, como o sistema conceitual organiza o pensamento. Nessa perspectiva, a conceitualização é uma atividade cognitiva que abrange, ao mesmo tempo, conhecimentos de base corpórea e sócio-histórico-cultural, como desenvolvemos na análise do próximo capítulo.



### 3 A INSTANCIACÃO DA METÁFORA SUBIR NA VIDA

Neste capítulo desenvolvemos a descrição da análise da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA, em consonância com as etapas metodológicas apresentadas no capítulo 1, que trata da introdução e de pressupostos já apresentados.

O *corpus* deste trabalho se constitui a partir do recorte de uma reportagem televisiva de programa dominical, com destaque à metáfora conceitual SUBIR NA VIDA, selecionada do tempo 00:08:37 a 00:09:26. Com isso, buscamos sanar e responder questionamentos construídos na fase da elaboração da dissertação. Por exemplo, como a representação de um objeto no mundo (a escada) e suas perspectivas de orientação direcional do movimento para cima/para baixo – com ou sem ação mecânica – auxiliam no processo de compreensão da metáfora do *corpus* no contexto específico de uma abordagem crítica do conceito de meritocracia explanada.

Dessa forma, a relevância da análise da metáfora condiz com a perspectiva teórica cognitiva para estudo do significado e do seu desenvolvimento e desdobramento. Assim, constitui-se como modelo científico com relevância em princípios, em métodos e em inúmeras pesquisas, pois se busca exemplificar o processo do significado e investigar variados fenômenos semânticos.

O objeto de estudo (SUBIR NA VIDA) se ampara nas premissas da TMC, em conformidade com Lakoff e Johnson (2002), em que a metáfora não é atinente a essa tradição que a entende como um agente do subjetivismo (meramente pessoal) e, conseqüentemente, que escapa das verdades absolutas. Portanto, a metáfora faz parte do sistema conceitual dos indivíduos e da maneira de compreender o mundo. Logo, é um mecanismo de formação de novas concepções, sentidos e realidades.

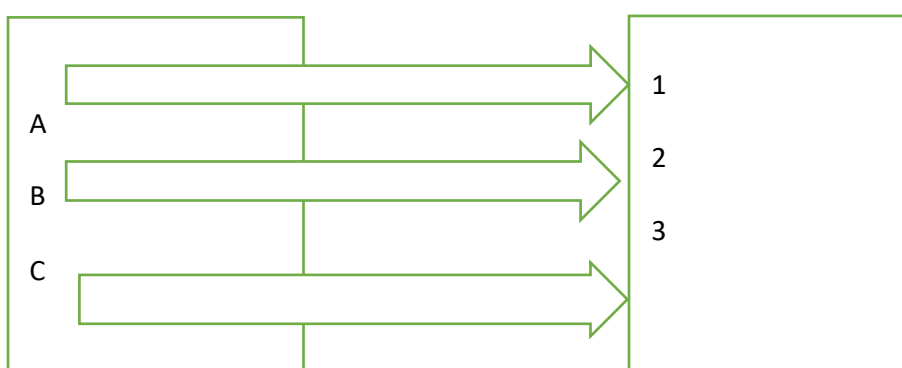
Ademais, Rudzka-Ostyn (1993, p. 1-2) e Silva (1999, p. 11) propõem que as acepções gerais e usuais da linguagem, do conhecimento e da cognição podem ser sintetizadas em: (a) a linguagem está interligada a outros domínios cognitivos, contribuindo para pesquisas com cunho interdisciplinar; (b) o sistema linguístico resulta da conceitualização regulada com a vivência individual e de mundo, e a conexão entre ambas; (c) os protótipos geralmente polissêmicos (que demonstram um grande número de significado numa só palavra) originam estruturas propícias à categorização; (d) a gramática é fomentada por perspectivas semânticas; e (e) as

premissas sobre autonomia da linguagem e bifurcação expostas, distintas da LC, devem ser renegadas.

Por sua vez, Cuenca e Hilferty (1999, p. 18-19) baseiam-se em pressupostos para conceituar a LC como: (a) a investigação da linguagem não pode ser dissociada e seu intuito cognitivo e comunicativo se baseia no uso; (b) a operação mental (categorização) ocorre a partir de sistemas conceituais, de conexões prototípicas e de similitude de família, com limites diferentes entre as categorias; (c) o objetivo primordial da linguagem é significar devido seu cunho simbólico; (d) a gramática fundamenta-se no sistema e na simbolização do sentido semântico por meio da forma fonológica, isto é, o sentido é uma acepção relevante na compreensão gramatical; e (e) a gramática está em constantes mudanças que se sustentam ou mudam pelo uso (LANGACKER, 1987, p. 57).

Ainda com base em Cuenca e Hilferty (1999, p. 111), a metáfora constitui um processo conceitual que se conecta com entidades domínio-fonte (escada) para um domínio-alvo (desigualdade de condições sociais), resultando na projeção metafórica SUBIR NA VIDA. Isso está representado no esquema da Figura 5, conforme analisado anteriormente:

Figura 5 - Metáfora: Domínio-fonte e domínio-alvo



Fonte: Baseado em Cuenca e Hilferty (1999, p. 111)

Desta forma, consoante a Cuenca e a Hilferty (1999) e como demonstrado na Figura 5, em determinadas inferências, o domínio-fonte é transferido para o domínio-alvo, os quais (domínio fonte e alvo) são distintos e a compreensão de um em termo de outro é feita por meio de transferências, exemplificadas pela passagem de A, B e C para 1, 2 e 3. Sintetizando, transmite-se um conceito em relação ao outro, os quais

são representados do domínio-fonte para o domínio-alvo. Desta forma, amplia-se e efetiva-se o conceito e os estudos no contexto analisado, isto é, por meio da metáfora.

### 3.1 METÁFORA CONCEITUAL: SUBIR NA VIDA

Cada vez mais é necessário estudar e pesquisar com propósitos convergentes para que os estudos proporcionem generalizações confiáveis a depender do seu devido contexto. Por isso da relevância do trabalho para, efetivamente, registrar com base nos fatores verbo-visuais que geralmente são empreendidos de forma multimodal, gerando uma complexidade descritiva a este fenômeno. Contudo, a LC consegue sanar esta complexidade e abarcar a opulência da linguagem humana, tornando-a executável para descrição e explicação em consonância aos métodos científicos.

No âmbito da multimodalidade, Forceville (2009) preconiza uma abordagem multimodal dos suportes texto-imagem fundamentada em metáforas conceituais. Isso porque essas metáforas resultam da cognição para sua existência, pois envolvem, necessariamente, todos os modos de construção de significado, tais como elementos visuais e escritos, sons, músicas, gestos, cheiros e toques. Todavia, no *corpus* deste estudo nem todos os sinais foram utilizados e/ou aparecem na reportagem.

Além disto, Forceville (2009) evidencia que a multimodalidade é entendida como uma análise de texto-imagem que contempla vários modos de comunicação linguísticos e visuais, proporcionando a averiguação de um conjunto de inúmeras produções escritas e audiovisuais. Essas produções abrangem obras escritas, programas de televisão, suportes publicitários e campanhas de sensibilização na internet, principalmente nas mídias sociais, sendo o *corpus* desta pesquisa extraído de um programa televisivo.

Na análise abordar-se-ão os modos de representação utilizados para explicar a reportagem televisiva sob os aspectos verbo-visuais (texto-imagem) na construção da metáfora SUBIR NA VIDA. O propósito é verificar a linguagem verbal (fala da repórter) e não verbal (postura corpórea, relação entre as imagens), confluindo para concretizar a metáfora por meio de um mecanismo que conceitue um termo em relação ao outro, isto é, que se compreenda o conceito de meritocracia (mesmo que seja uma falácia), em função de imagens e de movimentos de escadas. Aliás, retomando os preceitos elencados sob a ótica de Lakoff e de Johnson (1980), uma

metáfora conceitual é uma estruturação que se baseia na vivência de experiências diárias. Assim, a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas um “sistema imaginativo da razão” (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Para tornar compreensível como tudo ocorre no cérebro do ser humano, a LC usa o conceito da conceitualização. De acordo com Langacker (2007, p. 431), a conceitualização corresponde ao ato de se implicar no mundo com a experiência perceptual, o controle central da atividade motora e as sensações cinestésicas (conjunto de sensações por meio das quais é possível perceber os movimentos musculares, com estímulos do próprio organismo) que ela induz, explicando a natureza enciclopédica do significado linguístico.

Por isso, um estudo da semântica conceitualista de base experiencial não pode estar separado do uso, que, por sua vez, considera os mecanismos de abstração procedentes de estruturas imagético-cinestésicos, exemplificados na metáfora e na metonímia, e de categorização, responsáveis pela elaboração dos conceitos. Essa concepção está claramente expressa no realismo corporizado (*embodied realism*) ou no experiencialismo (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999). Ademais, na teoria da metáfora conceitual, entende-se esse processo da cognição como inerente ao ser humano, uma vez que se relaciona com a construção, a organização e a inferência das experiências humanas e sua compreensão.

Neste estudo, a metáfora conceitual representada como *corpus* ocorre mediante a temática da meritocracia como falácia para justificar as desigualdades sociais, sob a alegação de que a ascensão social e econômica seria apenas resultado de esforços individuais. Como já mencionado na seção 1.2, realizamos o processo de audição da reportagem, no qual demarcamos os tempos e o turno das falas dos apresentadores (Poliana Abritta e Tadeu Schmidt), da repórter (Sônia Bridi) e dos demais entrevistados. Todavia, ressaltamos que foram transcritos os estímulos verbais, isto é, somente as falas – sem transcrever na íntegra outros complementos que integralizaram a reportagem.

A citação a seguir refere-se ao recorte que trata do recurso verbal da análise do estudo em que a repórter (Sônia Bridi) destaca, por meio da metáfora SUBIR NA VIDA, as desigualdades sociais (falácia da meritocracia) entre os brasileiros. Isso é contextualizado pela representação de subir/descer escadas que permitiu o trânsito de diferentes domínios (abstrato para o concreto) para a devida compreensão do conceito.

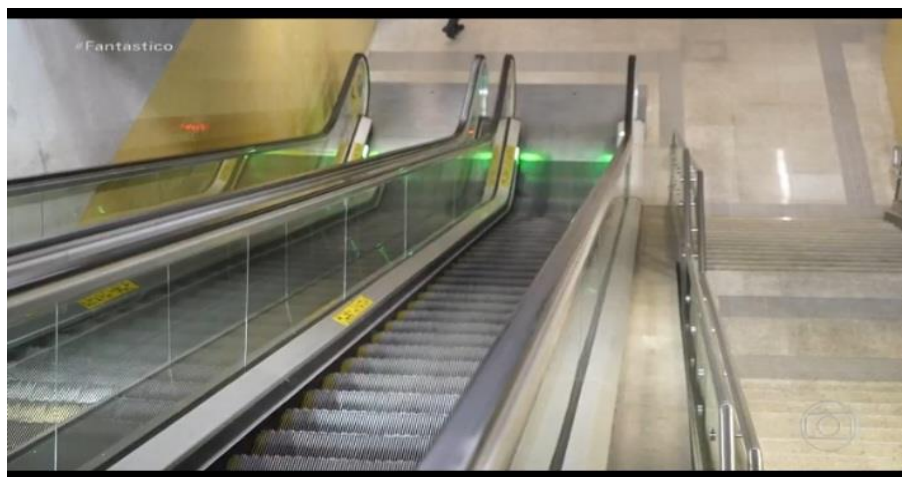
Pra diminuir a desigualdade, é preciso primeiro reconhecer que não é só uma questão de mérito. Se todo mundo quer SUBIR NA VIDA, nem todos têm acesso à mesma escada. Algumas pessoas conseguem, sim, ir avançando devagar só com o esforço próprio. Já umas poucas pessoas têm tudo a seu favor. Com boas escolas, uma rede de relacionamentos que ajuda arrumar empregos. Basta um pequeno esforço pra chegar lá. Já pra imensa maioria dos brasileiros esta é uma luta inglória. Não importa o esforço que eles façam, não conseguem sair do lugar. É preciso remover estas forças que ficam sempre jogando eles pra baixo. (BRIDI, 2020, 00:08:37 a 00:09:25, grifo nosso)

Ainda, é necessário analisar a projeção de elementos entre espaços mentais, com base em Faucounnier (1994), em que o Ponto A (domínio-fonte) são as escadas mecanizadas ou não para representação, uma circunstância real. Para representar o Ponto B (domínio-alvo), compreendido como ascensão social/conquistas materiais, promove-se a interpretação de um conceito mais abstrato em um conceito mais concreto, mediados pela metáfora conceitual SUBIR NA VIDA.

A partir da Figura 6, e em sequência nas figuras posteriores, delimitadas a partir do tempo de 8min37, ocorre a inicialização da instância-chave para a ambientação da construção da metáfora SUBIR NA VIDA, na qual a repórter apresenta o objeto do *corpus* por meio da experiência corpórea. Isto é, começa a subir a escada e verbaliza “Se todo mundo quer **subir na vida**, nem todos têm acesso **a mesma escada**” (BRIDI, 2020).

Em seguida, apresentamos *prints* na sequência em que se desenvolvem na reportagem, conforme abordado na metodologia, para compreendermos o movimento que se quer representar e instanciar a metáfora em estudo.

Figura 6 - Escada não mecanizada à direita e escadas mecanizadas à esquerda



Fonte: Bridi (2020, 00:08:40)

A partir do que está exposto na Figura 6, podemos acionar um *frame*, AS ESCADAS, que têm sempre a ver com subida e descida, que faz parte do frame. Elas são apresentadas lado a lado com o intuito de realizar a representação visual. As formas de ascensão e das condições de vida são demonstradas paralelamente por meio de três distintas escadas: alvenaria (não mecanizada) e mecanizadas (uma movimentando-se para cima e outra para baixo); associando a escada como um movimento direcionado e o deslocamento ligado ao subir na vida/ascensão social.

Ampliando a análise da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA, faz-se relevante retomar a teoria de *frame* (sistema de definições interligadas, sendo necessário compreender todos os elementos que o compõem), alicerçado em Fillmore (1982). Há domínios distintos, conforme citado e explicado anteriormente, além das transferências de características de conhecimentos ou de possibilidades que ocorrem de um domínio ao outro, os quais acarretam a compreensão de um termo em relação ao outro.

Conforme Fillmore (1982), *frame* é um sistema de conceitos no qual toda a estrutura em que se insere envolve características culturais e experiências individuais, e não somente representações da mente pré-existentes e associadas a uma realidade. Além disto, o autor o define enquanto análise de como os modos linguísticos indicam ou conotam *frames* e de como eles podem ser relacionados (após serem acionados) no entendimento de episódios que possuem estas análises imprescindíveis na estrutura, na classificação e na compreensão de vivências.

Destarte, percebemos que a escolha da escada como objeto para ilustrar a subida é familiar aos telespectadores e ao público em geral, pois geralmente é conhecido por todos indivíduos e utilizado em casas, salas comerciais, escolas e lugares públicos. Contudo, contempla um determinado conjunto de percepções prévias e expectativas culturais e corriqueiras na vida de qualquer ser humano, muitas vezes até de forma inconsciente.

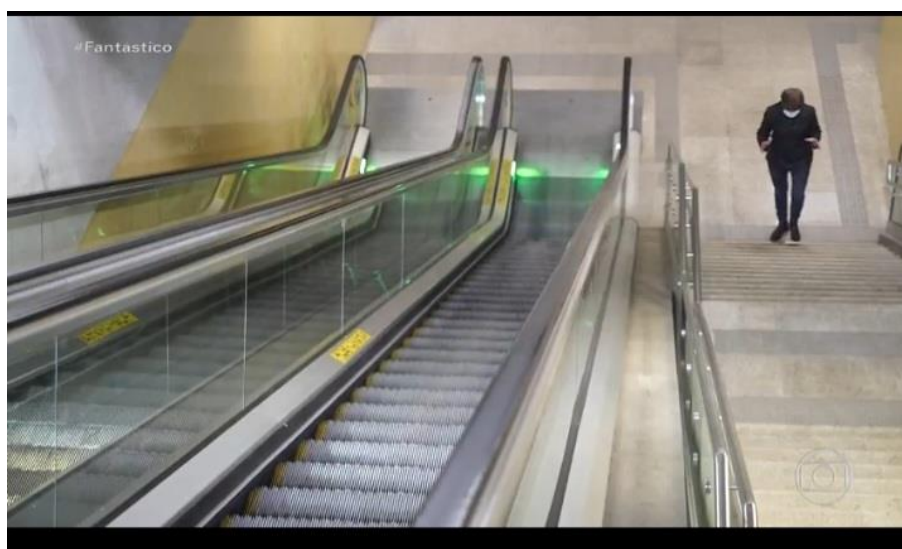
Dessa forma, Fillmore (1982) procura descrever os frames ou domínios envolvidos na interpretação dessas palavras ou imagens, mostrando que distintos aspectos desses *frames* são ativados na combinação conceitual. Por conseguinte, reforçamos que estratégias como essa repercutem diretamente no discurso, uma vez que delimitam pontos de vista. Embora o excerto contemple apenas conceitos básicos, como ESCADAS, inferimos que inúmeros outros também sejam analisados

em unidades linguísticas idênticas e de modo semelhante. Assim, é indispensável estar atento no modo como os textos multimodais são elaborados e explanados.

Segundo as premissas de Lakoff e de Johnson (2002, p. 45), a metáfora não está somente inserida na linguagem, no pensamento, na ação, no *corpus* descrito na linguagem verbal da reportagem ou no movimento para cima ou para baixo da linguagem não verbal. Ela também acontece na simbiose que ocorre entre os processos associativos do contexto verbal e do não verbal inferidos pelos telespectadores.

Este sistema conceitual está atrelado ao modo como os sujeitos pensam e agem de maneira metafórica, além da interpretação em relação ao mundo em que estão inseridos. Em consonância com Lakoff e Johnson (2002), a representação desta conceitualização externada e exemplificada por meio da linguagem, dos pensamentos e das ações promove um desenvolvimento cognitivo fundamental.

Figura 7 - Escada não mecanizada, repórter sobe e demonstra a posição inicial do movimento



Fonte: Bridi (2020,00:08:43)

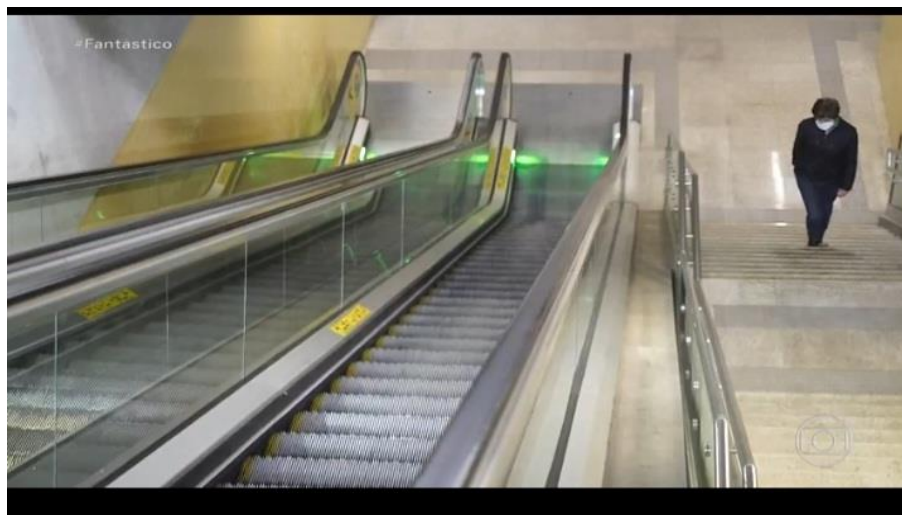
Na metáfora analisada, e caracterizada na Figura 7, identificamos a ocorrência desses elementos em um sistema conceitual que se sucede entre dois domínios distintos e se realiza na associação e na transposição entre o domínio-alvo e o domínio-fonte. Ademais, projetam-se nos componentes do conceito abstrato de desigualdades de conjunturas sociais e econômicas, fomentadas na abordagem da

falácia da meritocracia organizada pela equipe de jornalismo, apresentadas a partir das Figuras 6 até 17.

Desta forma, permanece evidente o porquê da associação do verbo-visual, que inicia na representação da Figura 7 – fala da repórter e representação por meio das escadas –, uma vez que se busca facilitar a compreensão deste conceito abstrato para um domínio com inferência de movimentos favoráveis ou contrários, conceituados como “usos inovadores” e citados nos procedimentos metodológicos.

É indispensável retomar e elencar que estes “usos inovadores” condizem com o processo de representação capturados pelo objeto escada e delimitados em três formas de “uso”. O primeiro “uso” seria a ação de representação por meio de um tipo de escada no modelo reto, de concreto, com corrimão em inox ou metal e construída em uma única direção, exemplificada nas Figuras 7, 8 e 9.

Figura 8 - Escada não mecanizada, repórter sobe e demonstra a posição intermediária do movimento



Fonte: Bridi (2020, 00:08:46)

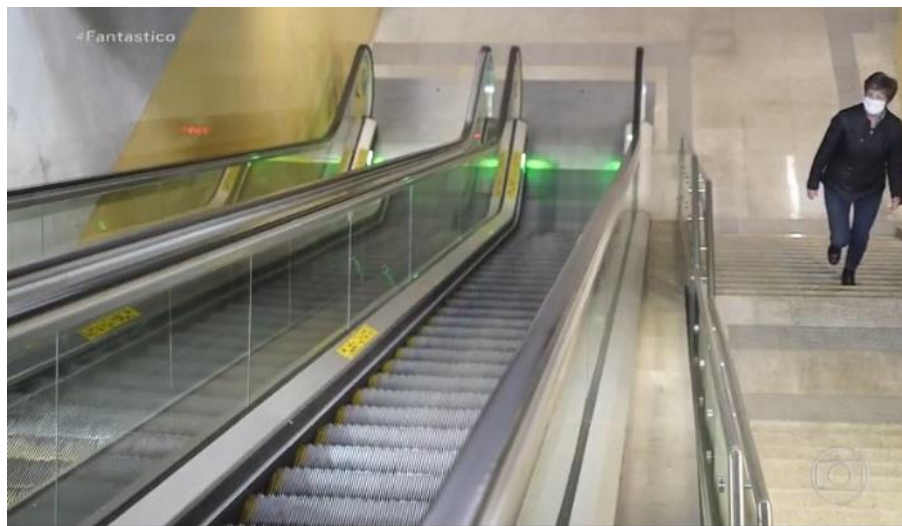
Conforme Lakoff e Johnson (2002), o domínio-fonte possui estruturas de imagens mais genéricas e bem contextualizadas pela escada (mecanizada ou não mecanizada) também demonstrada na Figura 8, com características universais por intermédio da experiência dos sujeitos em relação ao uso. Isto é, aspectos físicos de subir em posição intermediária para assinalar os aspectos concretos.

Estes aspectos são observados em um mapeamento com o intuito de aprender a partir de uma vivência e de um processo mental para perceber a analogia que ocorre



entre escada e conceito de condições sociais ou econômicas, constituindo o domínio-alvo. Este sempre mais abstrato, geralmente sem figuras ilustrativas e não relacionado aos elementos perceptivos ou até fenômenos sensoriais.

Figura 9 - Escada não mecanizada, repórter sobe e demonstra finalizar o movimento

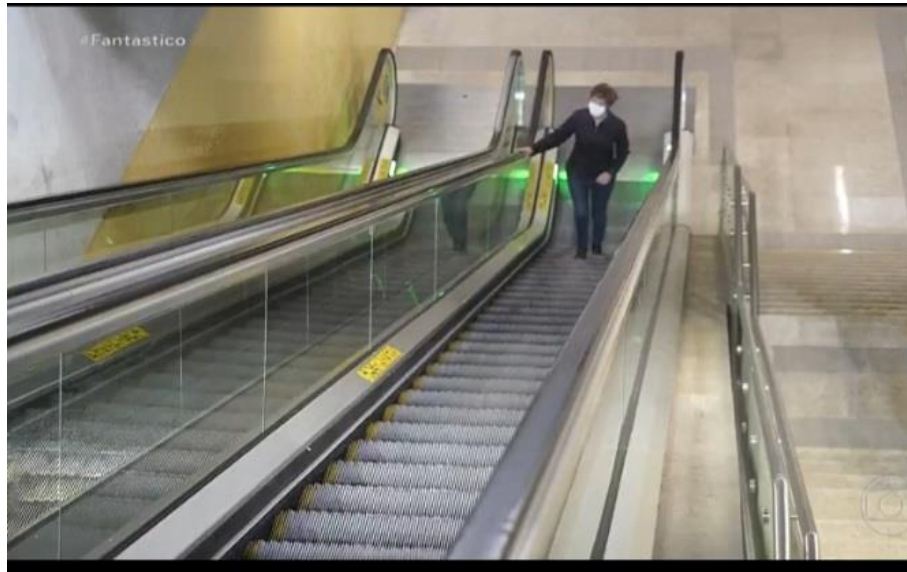


Fonte: Bridi (2020, 00:08:49)

As estruturas conceituais (os significados, a razão humana) e os seus conceitos se originam e são fundamentados por meio do corpo, do cérebro e da corporeidade que corresponde, sobretudo, às experiências corpóreas e envolvem conceitos de nível básico, de relações espaciais, de ações corporais, entre outros (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Os conceitos utilizam as perspectivas imaginativas da cognição: esquemas, metáforas e conceitos abstratos. Eles ocorrem por intermédio de projeções metafóricas a partir de conceitos diretamente alicerçados na experiência e representados conforme Figura 9. Tem-se o intuito de finalizar o movimento de subir e chegar ao topo da escada não mecanizada.

Acrescentamos ao segundo “uso” uma escada mecanizada (Figuras 10,11 e 12), em que o movimento de ir para cima neste tipo de escada é automático, visto que a escada segue nessa direção também. Executa-se a ação de subir com facilidade, isto é, com grau de dificuldade muito baixo, pois, mesmo se o indivíduo continuar parado, ele chegará ao topo, desta forma, quando se afirmar que mesmo permanecendo parada a pessoa pode chegar ao topo, registra-se um uso inovador para a metáfora SUBIR NA VIDA. Assim, SUBIR NA VIDA advém de inúmeras vantagens obtidas.

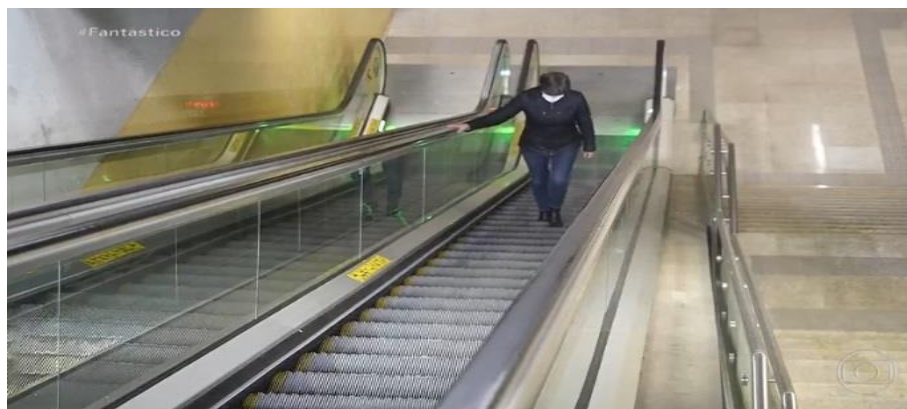
Figura 10 - Escada mecanizada, repórter sobe para demonstrar a posição inicial do movimento



Fonte: Bridi (2020, 00:08:56)

Sobre o tema, Lakoff e Johnson (1980, 2002) definem que o sentido de uma frase é construído por uma estrutura conceitual e metafórica por natureza, isto é, estruturada nas línguas de forma a ser estabelecida em experiências físicas e culturais de cada ser humano. Isso é observado na Figura 10, na qual a repórter representa a posição inicial de subir uma escada mecanizada. Esta particularidade pertence ao processo mental e é contemplada na visão de cada indivíduo em relação ao mundo, para chegar ao topo, SUBIR NA VIDA.

Figura 11 - Escada mecanizada, repórter sobe para demonstrar estar na metade do movimento (percurso)



Fonte: Bridi (2020, 00:08:59)

Ao abordarmos o conceito de modo mais concreto, tem-se o objeto (a escada conforme as Figuras 6 até 17) na sua abstração para representar uma perspectiva cognitiva da linguagem, consolidando a metáfora SUBIR NA VIDA. Desse modo, realizamos a compreensão do funcionamento desta metáfora conceitual no contexto da ocorrência metafórica investigada, além das inferências do domínio-fonte (escadas) para o domínio-alvo (ascensão social/conquistas materiais) e de como ocorre a transposição do abstrato para o concreto.

Figura 12 - Escada mecanizada, repórter sobe para demonstrar a finalização do movimento



Fonte: Bridi (2020, 00:09:06)

Concordante a Figura 12 e com o propósito de demonstrar a finalização do movimento e a chegada com êxito, a repórter sobe até o final da escada mecanizada sem dificuldades, representando a concretização de SUBIR NA VIDA sem esforço, mas com inúmeros benefícios ao longo do percurso.

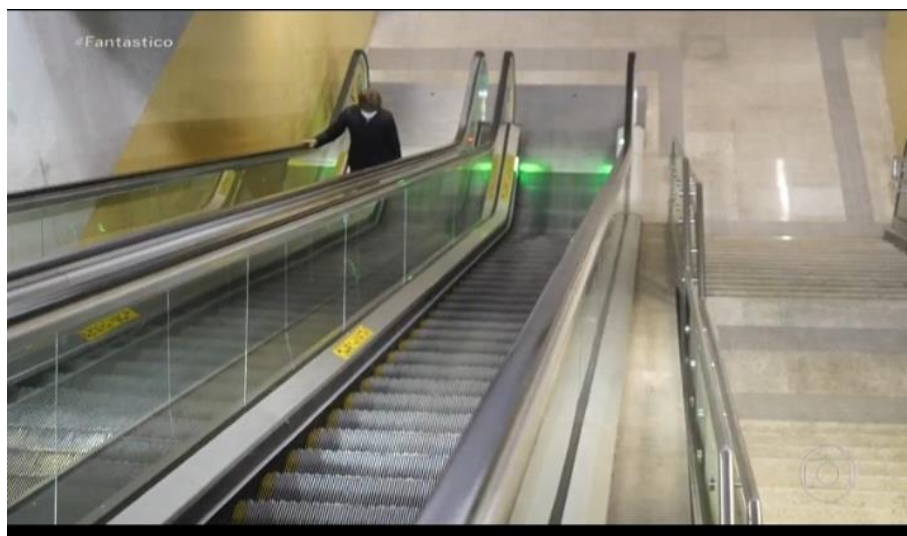
Figura 13 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento inicial subindo



Fonte: Bridi (2020, 00:09:09)

Já no terceiro “uso”, analisado por meio das Figuras 13,14,15 16 e 17, verificamos que a maioria da população brasileira se enquadra nessa situação, uma vez que a escada mecanizada age como uma força contrária para baixo e o indivíduo em ação para cima. Portanto, existe um grau de dificuldade imenso para realizar a tarefa de subir e que, às vezes, por mais que se esforce, o indivíduo nunca sairá do lugar.

Figura 14 - Escada mecanizada descendo e a repórter em um movimento inicial de subir



Fonte: Bridi (2020, 00:09:13)



Ademais, entendemos que as diferenças listadas contribuem para que os telespectadores compreendam que nem todos partem do mesmo ponto, têm os mesmos estímulos, histórias e igualdades de condições (educação, moradia, alimentação, apoio familiar, acesso aos serviços básicos, entre outros fatores). E ainda, por mais que se esforcem, nunca chegarão ao topo, ao êxito e às realizações de vida. Por isso, a falácia da meritocracia não trata de uma questão de mérito, mas de diferentes perspectivas de vida.

De acordo com os pressupostos de Lakoff e de Johnson (2002, p. 63), na metáfora orientacional SUBIR NA VIDA, a base física e social estão interligadas ao poder (social). Assim, alcançar o topo da escada representa sucesso, êxito, status, posição superior, possibilidade de ascensão social, PARA CIMA (física). Por isto, na Figura 14 existe a representação e o esforço para alcançar o topo, o que nem sempre é atingível para a maioria dos brasileiros.

Figura 15 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento se esforça para subir

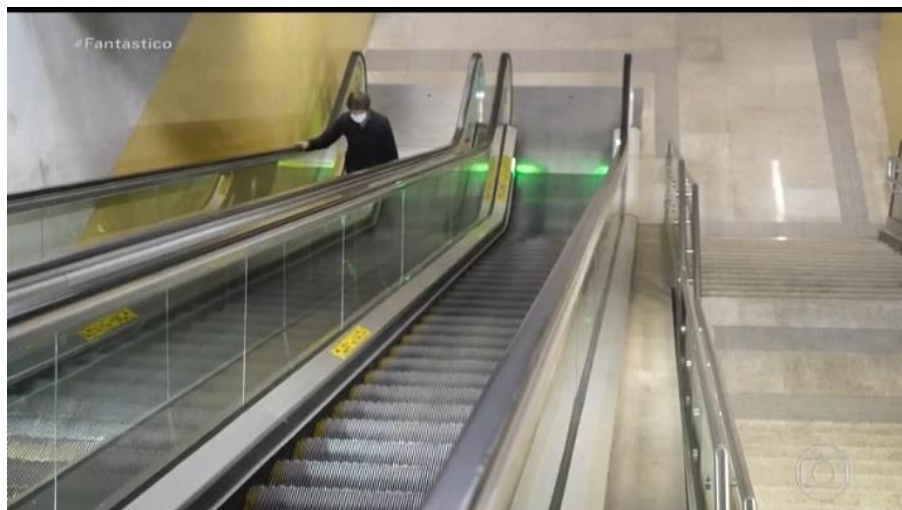


Fonte: Bridi (2020, 00:09:15)

Com o intuito de representar a metáfora SUBIR NA VIDA, tem-se a associação com as escadas que sempre executam a ação PARA CIMA, sinônimo de acessar conquistas materiais ou de ascensão social. Ainda conforme estudos realizados por Lakoff e Johnson (2002, p. 18), as metáforas em diversos fenômenos linguísticos – em especial a metáfora espacial – são primordiais e que não se conseguiria organizar outra metáfora para esquematizá-la. Isto é, por meio das escadas (Figura 15) e na persistência da repórter, busca-se explicar como os distintos domínios são processados para a representação da meritocracia como uma falácia, averiguando

sempre o movimento intencionado PARA CIMA em que acarreta a desigualdade das condições e a não ascensão social ou a conquista material.

Figura 16 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento não consegue subir



Fonte: Bridi (2020, 00:09:17)

Ainda, é possível associar as escadas (Figuras 16 e 17), sempre intencionadas na ação PARA CIMA, como premissas de conquistas materiais ou de sinônimo de ascensão social, evidenciados por Lakoff e Johnson (2002, p. 18). Conseqüentemente, a ação para baixo é algo ruim: MAU É PARA BAIXO, STATUS INFERIOR É PARA BAIXO. Portanto, se a maioria não conseguir realizar a ação PARA CIMA, os inseridos nesse grupo estão destinados a não ser dignos da ascensão social e de poder ou de conquistas materiais. Desse modo, tem-se desigualdade de condições, em consonância com o que foi exibido nas Figuras 13 a 17. Em vista disso, nem sempre existem as mesmas condições de acesso ao status de SUBIR NA VIDA e, em sua maioria absoluta, muitos indivíduos nunca terão ascensão social e financeira.

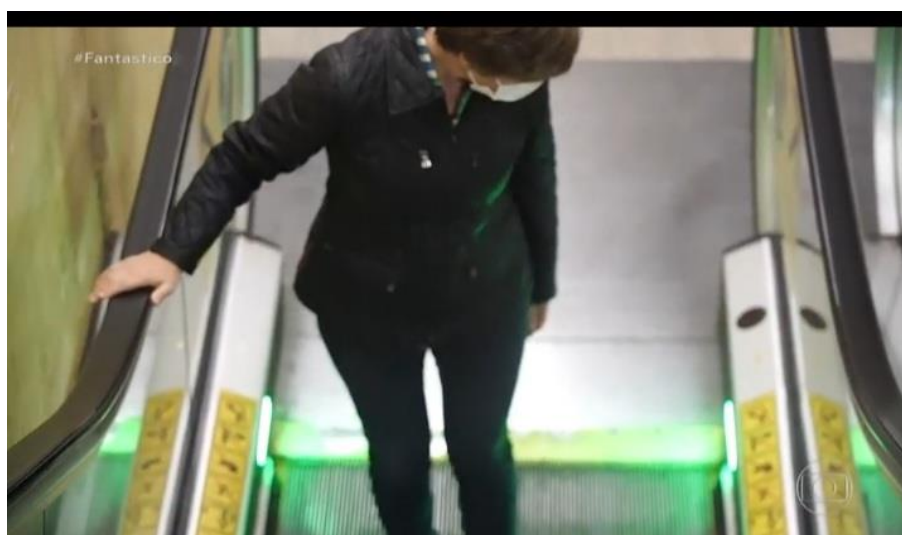
Na análise também verificamos três opções de escadas que nortearam a metáfora conceitual SUBIR NA VIDA, com origem na denominada metáfora orientacional, analisada por Lakoff e Johnson (2002, p. 18). Nessa situação, o *corpus* do trabalho permeia na construção de uma estrutura de conceito vinculado a outro, sendo que a maioria está interligada com as vivências físicas e culturais sob o

propósito de guiar termos espaciais e direção, como em STATUS SUPERIOR é para cima, bom é para cima, entre outros.

Na metáfora em estudo há outras similares, ou seja, realizações linguísticas sugestivas, tais como: UM PASSO ou UM DEGRAU POR VEZ, ANDAR PARA FRENTE e PARA CIMA. Ademais, a representação da escada é associada ao futuro. Também verificamos metáforas conceituadas de orientacionais, pois elas se originam baseadas no corpo que cada um possui e do modo como se organizam no contexto físico.

Há também uma organização na sistematização da metáfora que nem sempre é verbalmente expressa. Usa-se a habilidade visual que possibilita a compreensão de certa particularidade de uma concepção em termos de outra. Isso é observado em metáforas como MAIS É MELHOR, PARA CIMA É MELHOR, BOM É PARA CIMA, FUTURO É PARA CIMA, os quais são associados com a metáfora SUBIR NA VIDA com o intuito de manifestar ascensão financeira ou social sempre voltados PARA CIMA.

Figura 17 - Escada mecanizada descendo e a repórter em movimento para cima não consegue êxito



Fonte: Bridi (2020, 00:09:20)

E, para completar a seleção das imagens e a representação da metáfora deste estudo, com a Figura 17 evidenciamos o modo como recursos metafóricos (associativos e expansivos entre domínios-fonte e alvo) foram mobilizados pela equipe de jornalismo para representar conceitos abstratos em torno da ideia de meritocracia

(também abstrata), pautados pela experiência corporificada do cotidiano mais concreto (subir e descer diferentes tipos de escadas, por exemplo).

Verificamos que há dois domínios distintos e que ocorre uma transposição de inferências do domínio-fonte ao domínio-alvo por meios associativos de um termo em relação ao outro. Isso resulta em um estímulo no telespectador sobre um “jeito de pensar” e que decorre da concretização da metáfora SUBIR NA VIDA.

A repórter inicia a subida dos degraus para exemplificar, utilizando o recurso do hibridismo da linguagem, movimentando-se com pouco esforço e verbalizando. Isto é, gestos, ação e fala, por meio dos quais se associa à escada não mecanizada o esforço, pois os indivíduos avançam de forma lenta. Porém, isso é possível apenas com o esforço próprio, uma vez que se projeta a possibilidade de alcançar ascensão social ao subir com um pouco de esforço. Podemos entender, desta forma, que, com esforço há um mérito médio, pois se tem dificuldade para executar a tarefa sob um enfoque metafórico de SUBIR NA VIDA.

O processo metafórico foi representado por elementos linguísticos e não linguísticos que, conseqüentemente, conseguem explicar a propriedade do domínio-fonte (escada) para o domínio-alvo (ascensão social e de desigualdade de condições sociais). Assim, um conceito mais abstrato se aproxima de outro mais concreto e ocorre o entendimento por meio da expansão metafórica.

Conforme as figuras selecionadas na investigação do trabalho, constatamos o hibridismo da linguagem e do processo de acepção metafórica com fomentos de cunho verbo-visuais, o que explica o funcionamento de recursos utilizados para compor a metáfora SUBIR NA VIDA. Isso também se aplica a outros processos metafóricos similares, igualmente marcados pelo hibridismo de linguagem.

No domínio da multimodalidade, Forceville (2009) preconiza uma abordagem multimodal dos suportes texto-imagem e ancorada em metáforas conceituais. Além disso, o autor entende que tais metáforas dependem da cognição para sua existência, já que ela envolve, necessariamente, todos os modos de construção de significado, tais como sinais visuais e escritos, sons, músicas, gestos, cheiros e toques.

Em uma perspectiva multimodal, segundo Kress e Van Leeuwen (2001), analisam-se textos, imagens e desenhos de distintas maneiras na linguagem (por exemplo, nesse estudo se tem a linguagem verbal e não-verbal) sob o enfoque semiótico. No contexto atual existem infinitas possibilidades devido aos avanços



tecnológicos e aos meios de informação e de cultura em que os textos são apresentados com enfoque multimodal para a devida compreensão e funcionalidade.

Sob este enfoque, Kress e Van Leeuwen (2001) apontam inúmeros percursos semióticos que se utilizam de modo inter-relacionado na elaboração da estrutura e na ampliação e apresentação de textos e de imagens. Proporcionam-se resultados específicos e, no caso em estudo, excertos da reportagem e imagens das escadas (mecanizadas ou não) contribuem para a instanciação da metáfora SUBIR NA VIDA.

Seguindo os argumentos de Kress e de Van Leeuwen (2001), o termo “semiótica” possui origem grega “*semeion*”, que significa “signo” ou “sinal”. Por isso, a “*semeiotiké*” representa a arte dos sinais, originando-se do conhecimento e da investigação das inúmeras formas de como o ser humano conceitua o significado de todo seu entorno vivencial.

Além disso, a pluralidade de modos semióticos, em especial a multimodalidade, perpassa pela linguagem escrita, imagens, músicas, gestos, entre outros. Inclusive, a metáfora SUBIR NA VIDA (contemplada no excerto da reportagem e nos *prints* das imagens da escada) aponta que os elementos recortados se conectam com as modalidades sensoriais, como a visual, a auditiva e também a cinética. Assim, a harmonização de significados e as modalidades desencadeiam nos telespectadores significados e modos de pensar, utilizando estes mecanismos internos para estimular ou ampliar o recurso semiótico.

Por isto, contribuem de forma indispensável para a simbiose entre linguagem verbal e não-verbal, conceituando e construindo a metáfora exemplificada com a repórter subindo as escadas ou tentando. Ainda, proporciona um contexto para compreendê-la, pois a metáfora não está na fala da jornalista ou nas imagens da representação das escadas. Ela acontece no sistema conceitual que os interlocutores projetam na compreensão da fusão das inferências semióticas e, desta forma, configuram a metáfora SUBIR NA VIDA.

Pelo exposto, verificamos que a semiótica abarca todas as construções textuais, sejam elas delimitadas por meio da linguagem escrita, oralidade ou pelo contexto visual. Ademais, tem-se o intuito destas construções textuais explorarem os significados elencados nos processos associativos no texto-imagem. Inclusive, afere-se que o lugar (escadas) também oferece uma estrutura lógica para a exploração dos campos semânticos relacionados aos domínios-fonte e alvo, auxiliando na construção conceitual evidenciada. Logo, os resultados desse estudo proporcionam o

entendimento dos domínios usados para estabelecer a relação entre as escadas com a ascensão social e a desigualdade de condições sociais.

No Quadro 4 se observa um provável mapeamento metafórico, baseando-se no número de pessoas constantes em cada classe, adotando-se a classe social e/ou econômica baseada no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), instituição que fornece dados e estatísticas oficiais que norteiam órgãos federais e o Governo na gestão de políticas públicas, além de organizar e de determinar classes conforme a faixa salarial. As classes são divididas em cinco grupos, categorizadas em consonância ao(s) salário(s) mínimo(s) na renda mensal das famílias, sendo: A (acima de vinte salários mínimos); B (dez a vinte salários mínimos); C (quatro a dez salários mínimos); D (dois a quatro salários mínimos); e E (até dois salários mínimos).

Quadro 4 – Mapeamento metafórico SUBIR NA VIDA

<b>Domínio-fonte – Escadas</b>	<b>Domínio-alvo – Ascensão social e de desigualdade de condições sociais</b>
Escada de alvenaria – Subir por possibilidade	Alguns brasileiros – Classe média (B, C)
Escada mecanizada para cima – Subir por facilidade	Minoria da população brasileira – Classe rica (A)
Escada mecanizada para baixo – Impossibilidade de subir	Maioria da população brasileira – Classe dos pobres (D e E)

Fonte: A autora (2023), com base em Lakoff e Johnson (2002)

Neste ponto, parte-se da associação entre as escadas e as classes sociais, mas vale salientar que este mapeamento pode sofrer alterações, precisa ser relativizado, pois às vezes indivíduos, exemplo jogador de futebol ou acertador de uma loteria, poderiam originalmente pertencer às classes D e E, e mesmo assim ter sua ascensão social.

A partir da correlação e dos estudos de Lakoff e de Johnson (2002), promovemos a instanciação da metáfora SUBIR NA VIDA, a qual é caracterizada pelas vivências alicerçadas no domínio-fonte (escadas mecanizadas ou não) e mapeadas e qualificadas no domínio-alvo (ascensão social e de desigualdade de condições sociais). Para isso, é preciso conhecer o conceito básico de escadas de alvenaria ou mecanizadas e inter-relacionar que: (1) nem todos saem do mesmo ponto de partida e/ou possuem a mesma estrutura familiar e econômica; e (2) ao longo do percurso haverá distintas situações e momentos de ascensão social/econômica ou não ocorrência delas.

Essa relação ocorre por meio de elementos: (1) a organização do conhecimento referente às escadas; e (2) a aptidão de mapear uma acepção de SUBIR NA VIDA a partir desta organização do conhecimento (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Assim, a metáfora é estruturada (organizada e entendida) com suporte no sistema conceitual e guardada na memória. Por isso, quando se aprende uma estrutura ou esquema e uma metáfora conceitual, estes passam a ser convencionais, isto é, tornam-se condição de automático, incôscio, repetindo de forma contínua.

Além disso, a metáfora SUBIR NA VIDA se enquadra na metáfora orientacional, já analisada anteriormente. Contudo, é importante salientar que ela está relacionada com a construção de um conceito em relação ao outro, ligados por meio de práticas físicas e culturais, sob o objetivo de orientar termos espaciais e de direção. Assim, na metáfora de estudo SUBIR NA VIDA, se associa o sucesso e o êxito com chegada ao topo e ao status superior, algo não acessível a todos os brasileiros.

Considerando os trabalhos científicos (dissertações e teses) abordados no estudo da arte, verificamos que a metáfora conceitual, dentro do campo cognitivo, estrutura o pensamento e aborda, simultaneamente, experiências de origem corpórea, social, histórica e cultural. A partir de seis estudos atuais desenvolvidos no Brasil (destacando a contemporaneidade das pesquisas na área da metáfora), demonstramos a relação entre cognição e metáfora, na qual o sistema cognitivo humano é interligado com os fatores que se relacionam com a experiência, a cultura e outros elementos não linguísticos.

Assim, as pesquisas no campo da metáfora têm grande contribuição para a compreensão de mundo relacionada a outros aspectos da atividade humana. As metáforas conceituais têm uma função relevante na conceitualização de muitos domínios, além de constituírem uma maneira de pensar em domínios como a ética (JOHNSON, 1993) e a política (LAKOFF, 1992; 1996), colaborando com o desenvolvimento dos estudos nas ciências cognitivas e sociais.

Desse modo, constatamos que esta pesquisa se soma com a relevância aos estudos previamente mencionados, pois ela corrobora com a perspectiva da metáfora conceitual no impacto da cultura sobre a construção da metáfora e dos distintos domínios da experiência. Assim, conceitos são elaborados e compreendidos em relação ao outro. Por exemplo, a meritocracia é um conceito de fundamental importância no debate contemporâneo e possui certa complexidade para ser entendido. Logo, compreender que a falácia é ainda mais melindrosa amplia o

conceito de meritocracia como uma falácia social que resulta em questões abstratas e com alto grau de complexidade para o entendimento social. Porém, quando apresentado por meio de uma metáfora, usando o domínio da vivência (objeto do dia a dia, diferentes tipos de escadas), constrói-se uma compreensão do conceito de meritocracia enquanto uma falácia. Por isso, nesta pesquisa a base cultural é indispensável para a estruturação desta metáfora em que o domínio da experiência, isto é, o domínio-fonte (escada), é relevante para a compreensão dos dois níveis de conceito citados anteriormente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho corrobora com outros estudos da LC, em especial com a metáfora conceitual ao relacionar a metáfora SUBIR NA VIDA (contemplada em uma reportagem televisiva) sob o ponto de vista da cognição de Lakoff e de Johnson (1980). Podemos inferir que, por meio de vivências ou de experiências de mundo, se ativam os conceitos reunidos em estruturas no sistema cognitivo, possibilitando construir conceitos e transmiti-los para a compreensão de estruturas mais abstratas.

O *corpus* do estudo, os preceitos da LC e as questões de composicionalidade (FILLMORE, 1979) e de metaforicidade (LAKOFF; JOHNSON, 1980) permitiram perceber que a metáfora analisada aponta que, em sua maioria, os conceitos abstratos são metafóricos. Constatamos também a importância da metáfora SUBIR NA VIDA, sendo o intuito da LC investigar a compreensão dos sistemas cognitivos que submetem à construção do conhecimento por meio das estruturas linguísticas, ou não.

Ainda, buscamos investigar os processos de construção da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA para enfatizar a concepção abstrata de desigualdades de condições sociais e econômicas. Isso atesta a importância do processamento metafórico na estruturação e na compreensão da metáfora para, em seguida, facilitar a noção de meritocracia e a ideia central manifestada na reportagem: *a meritocracia é uma falácia*. E como propósitos específicos, objetivamos entender o funcionamento da metáfora conceitual SUBIR NA VIDA no contexto da ocorrência metafórica investigada. Isto é, a inferência do estímulo visual (semiótico) em que um ser humano (repórter, Sônia Bridi) sobe em diferentes escadas para explicar os conceitos concretos associados ao movimento para cima ou para baixo, com ou sem ajuda de escada (escada mecânica/rolante ou convencional). Esses elementos que fazem parte de domínios experienciais cotidianos e corriqueiros, cooperam para que os telespectadores compreendam o conceito abstrato e estabeleçam analogias aos conceitos relativos acionados pelos telespectadores.

Na sequência, analisamos os diferentes processos associativos criados entre o domínio-fonte e o domínio-alvo acionados para a compreensão da instanciação da metáfora. Verificamos a caracterização do domínio-alvo por meio de elementos destacados do domínio-fonte por simbiose das duas linguagens (verbal e não verbal), o que acarretou numa projeção metafórica complementar verbo-visual. Ao assistir à

reportagem, os indivíduos conseguem associá-las a suas experiências e preceitos armazenados por estruturas imagéticas, assim, as ocorrências metafóricas fazem uma aproximação ao propósito da reportagem televisiva. Podemos justificar que os domínios são ativados dentro dos espaços mentais, acionando a rotina cognitiva e proporcionando a construção de significado por meio de experiências cotidianas, pois é favorecida a aproximação cultural e linguística do conhecimento.

Ademais, demonstramos que a simbiose entre o estímulo verbal e o não verbal é determinante na construção da metáfora SUBIR NA VIDA instanciada na reportagem, resultando em uma projeção metafórica complementar verbo-visual. Desta maneira, compreendemos que a metaforização possibilitou que o espectador estabelecesse um significado para metáfora em estudo.

Para alcançar esses objetivos, determinamos alguns procedimentos após a realização da fundamentação teórica e da revisão da literatura dos temas e dos autores relativos ao objeto de estudo. Desse modo, realizamos uma investigação bibliográfica (com cunho qualitativo) e indutiva, por meio da análise da ocorrência de uma metáfora em discurso jornalístico, extraída de uma reportagem televisiva, em que a metáfora conceitual é constantemente usada para caracterizar processos associativos.

Metodologicamente, adotamos técnicas e procedimentos delineando os percursos da pesquisa e demonstrando como ocorreu a investigação acerca da metáfora que fomentou o *corpus* do objeto de estudo. Realizamos o processo de audição da reportagem, marcando os tempos e os turnos das falas dos apresentadores do programa, da repórter e de seus entrevistados. E, em seguida, realizamos as respectivas transcrições. Por opção metodológica, apenas foram registradas as falas (estímulos verbais) na transcrição, sem que se adicionassem informações complementares que compõem a parte audiovisual da reportagem.

As metáforas atuam no pensamento de modo criativo. Utilizando-as com o intuito cognitivo, configura-se, de maneira bem sutil, o pensamento por meio da compreensão destes conceitos. Portanto, esse é um fértil campo de reflexão de como as metáforas surgem e são estruturadas, de como o sistema conceitual organiza o pensamento, de que forma acontece a transmissão de processos associativos e de quais estratégias linguísticas são mais eficazes para transmiti-las.

Desse modo, os resultados da pesquisa demonstram que ocorre a instanciação de uma metáfora verbo-visual por meio da representação simbólica da “escada” como

figura, explorando suas possibilidades de orientação direcional do movimento para cima/para baixo, com ou sem ação mecânica. Por intermédio dessa instanciação verbo-visual ocorre a metáfora SUBIR NA VIDA, com uma perspectiva crítica do conceito de meritocracia amparada pela reportagem da mídia televisiva.

Contudo, este estudo não exauriu todas as possibilidades que o *corpus* nos propõe. Assim, perspectivas futuras podem ampliar e analisar outras metáforas que aparecem nos excertos da pesquisa e que não foram objeto de estudo desta dissertação, tais como: “Era o fim de uma ascensão social”; “O abismo entre ricos e pobres no Brasil [...]”; “A queda se acelerou mesmo nos anos 2000, e um novo fenômeno surgia”; “[...] a desigualdade começou a subir de novo em consequência da crise”; “Isto mostra um pouco do tamanho do fosso entre os extremamente ricos e extremamente pobres”; entre outras. Desta forma, com a quantidade bastante expressiva de metáforas, reforçamos o preceito de que o “pensamento metafórico é inevitável, onipresente e principalmente inconsciente” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 272).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. São Paulo: Ateliê, 2010.
- ABREU, D. T. B. de. **Metáfora e emoção: sobre a conceptualização na língua portuguesa**. 2015. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2015.
- ANDRADE, L. H. S. de. **Metáforas conceptuais que categorizam a reforma trabalhista no gênero charge: uma análise semântico-cognitivo**. 2019. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2019.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, p. 7-25, 2000.
- BATORÉO, H. J. **Expressão do espaço no português europeu: Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.
- BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas: Pontes, 1998.
- BRIDI, S. **Década perdida: pesquisa mostra aumento da desigualdade no país**. Fantástico – O show da vida. 14 min. Exibição em 8 novembro de 2020: Rede Globo de Televisão, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9006545/>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- CHOMSKY, N. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 1999.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, p. 111-137, 1982.
- FORCEVILLE, C. Metaphor in Pictures and Multimodal Representations. In: GIBBS, R. W. **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge, Cambridge University Press, p. 462-482, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511816802>. Acesso em: 19 fev. 2022.



FORCEVILLE, C. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. (Eds.). **Multimodal Metaphor**. New York: Mouton de Gruyter, p. 19-42, 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

JOHNSON, M. **Moral Imagination: Implications of Cognitive Science for Ethics**. Chicago: The University Press, 1993.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, p. 125-140, 2010.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to communication**. London & New York: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução do Grupo GEIM. Campinas: EDUC, 2002.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason: a field to poetic metaphor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford Press, 1987.

LANGACKER, R. W. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

MACEDO, K. L. de. **Metáforas sistemáticas no discurso de adultos em processo de aprendizagem de leitura**. 2021. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), 2021.

MARTELOTTA, M. E. da. Conceitos de gramática. *In*: MARTELOTTA, M. E. da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 43-70.

MELO, L. B. **Metáforas em línguas indígenas: conceptualização de emoções**. 2019. 74 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MICHAELIS. Metáfora. *In*: MICHAELIS: **dicionário escolar da Língua Portuguesa**. 4 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016.

NOGUEIRA, L. M. **Sobre o amor, variação metafórica de expressões de sentimento em Português Brasileiro e Português Europeu**. 2019. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. de M.; FARIAS, E. M. P. **Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul: Educus, 2014.

PORTO, M. D.; ROMANO, M. Newspaper Metaphors: Reusing Metaphors Across Media Genres. **Metaphor and Symbol**, n. 28, v. 1, p. 60-73, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10926488.2013.744572>. Acesso em: 26 dez. 2021.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. *In*: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-324, 1979.

ROSCH, E. Principles of categorization. *In*: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (eds.) **Cognition and categorization**. Hillsdale, NS: Lawrence Erlbaum, 1978.

RUDZKA-OSTYN, B. Introduction. *In*: GEIGER, R.; RUDZKA-OSTYN, B. **Conceptualizations and Mental Processing in Language**. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 1993.

SANTA MARIA, M. M. N. **Luz e escuridão na terra Média: as metáforas conceituais que regem “O senhor dos anéis”**. 2021. 111 f. Tese (Dissertação em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2021.

SARDINHA, A. P. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

SILVA, A. S. **A Semântica de Deixar**. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SILVA, A. S. da. Linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. *In*: SILVA, A. S. da.; TORRES, A.; GOLÇALVES, M. (Org.). **Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva**. 4. ed. Coimbra: Almedina, 2004.

STEFANOWITSCH, A. The function of metaphor. **International Journal of Corpus Linguistics**, n. 10, v. 2, p. 161-198, 2005.

VARELA, I. C. M. de V. **Ativação do conhecimento prévio como elemento facilitador da compreensão de textos orais em língua estrangeira**. 2006. 102 f. Dissertação (Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

## APÊNDICE A - Transcrição da Reportagem

BRIDI, S. **Década perdida: pesquisa mostra aumento da desigualdade no país.** Fantástico - O show da vida. 14 min. Exibição em 8 novembro de 2020: Rede Globo de Televisão, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9006545/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

Tempo	Enunciador	Texto
00:00:00	Poliana Abritta (Apresentadora)	2020 tem sido um ano difícil para o bolso do brasileiro por causa da pandemia. Mas, olha, os últimos anos também não foram fáceis, não. Em 2015, o Brasil entrou em recessão, e a recuperação caminha a passos lentos e desiguais.
00:00:13	Tadeu Schmidt (Apresentador)	O estudo exclusivo revela que, no sobe e desce dos números, os pobres ficaram ainda mais pobres, mas a riqueza de quem já tinha uma vida confortável até cresceu. É o que mostra agora a repórter Sônia Bridi.
00:00:31	Sônia Bridi (Repórter)	A vida nunca foi fácil pra Cleomar, mas nunca foi tão dura como agora que vive do lixo num lugar onde mesmo o lixo é pouco. O único respiro de estabilidade na vida foram os anos em que ela teve emprego formal.
00:00:48	Cleomar (Entrevistada)	"Era boa aquela época. Eu tinha geladeira, cadeira, fogão bom. Eu tinha as minhas coisas boa, sabe!"
00:00:55	Sônia Bridi (Repórter)	Mas aí chegou a crise: era o governo Dilma Rousseff. Entre 2015 e 2016, o Produto Interno Bruto, as somas de todas as riquezas produzidas no país, encolheu 9%. Seis milhões de brasileiros perderam os empregos.
00:01:12	Repórter 1	Só de cima mesmo é possível ter uma ideia do tamanho desta fila. As pessoas continuam chegando em busca de emprego.
00:01:21	Cleomar (Entrevistada)	"Doze anos trabalhei com carteira assinada, mas a firma faliu. Aí ele deu nossas contas pra nós ir se embora".
00:01:30	Sônia Bridi (Repórter)	Era o fim de uma ascensão social. O abismo entre ricos e pobres no Brasil sempre existiu e ficou maior durante a ditadura militar. Depois da Constituição de 88, começou a diminuir. A queda se acelerou mesmo nos anos 2000, e um novo fenômeno surgia.
00:01:51	Repórter 2	A nova classe média brasileira. 27 milhões de novos cidadãos consumidores.
00:01:58	Sônia Bridi (Repórter)	Mas, em 2016, a desigualdade começou a subir de novo em consequência da crise.

00:02:04	Pedro Ferreira de Souza (Pesquisador /IPEA)	O resumo de tudo é que os anos 2010 foram uma década perdida para o Brasil. Mais uma. Não só em termo macroeconômico, mas também em termo de combate à pobreza e à desigualdade no Brasil.
00:02:14	Sônia Bridi (Repórter)	Pedro Ferreira é um dos autores do estudo que analisou a desigualdade brasileira entre 2012 e 2018 com base na PNADE contínua – a pesquisa que o IBGE realiza entrevistando famílias a cada três meses. Mas, em 2019, seguiu a mesma tendência, e 2020 foi atípico por causa da pandemia. O outro autor do estudo é Rogério Barbosa. Ele destaca que, depois de 2015, com o Brasil já em recessão, houve corte nos recursos destinados a programas sociais.
00:02:45	Rogério Barbosa (Pesquisador/ Centro de Estudos da Metrópole da USP)	As políticas sociais ficaram de lado, em especial o Bolsa Família, que passa a ser sistematicamente subfinanciado, e então o número de beneficiários começa a diminuir. O valor médio dos benefícios por domicílio e por pessoa também cai. Muitas pessoas começam a ficar pobres, mas não são consideradas pobres pelo programa, então elas ficam de fora. Isso significa que nós não conseguimos oferecer a proteção quando a proteção era mais necessária.
00:03:12	Sônia Bridi (Repórter)	Eles analisaram três faixas de pobreza. Todas haviam encolhido entre 2012 e 2014, mas aumentaram depois de 2015. Os domicílios com renda até R\$ 258,00 por mês por pessoa voltaram ao patamar de 2012. Dos que recebem até R\$ 178,00 por pessoa, a situação ficou um pouco pior do que seis anos antes. Na faixa dos mais pobres entre os pobres, 2,5 milhões de pessoas a mais passaram a fechar o mês com renda de até R\$ 89,00. Beti é um desses casos.
00:03:55	Beti (Entrevistada)	O que tem me ajudado é o cartão da escola, cartão no valor de R\$ 110,00 pra cada criança.
00:04:01	Sônia Bridi (Repórter)	A prefeitura paga pras crianças comerem em casa, porque as escolas estão fechadas. R\$ 220,00 por mês pra ela e dois dos sete filhos, os mais novos que ainda estão na escola. Passou muita dificuldade?
00:04:19	Beti (Entrevistada)	Bastante.
00:04:24	Sônia Bridi (Repórter)	Foi sempre assim?
00:04:26	Beti (Entrevistada)	Não. Foi não. Há dez anos atrás, eu tinha uma vida que eu podia dar de tudo pros meus filhos.
00:04:33	Sônia Bridi (Repórter)	Beti recebia o Bolsa Família, mas durante do pagamento do auxílio emergencial oferecido pelo governo federal este ano, seu cadastro foi cancelado. Ela já fez o recadastramento pra voltar a receber.

00:04:47	Beti (Entrevistada)	Muito difícil. Pra quem estava acostumado a comer caré todos os dias, comer bife e agora tem dia que a gente come uma pelanquinha...
00:04:58	Sônia Bridi (Repórter)	A crise atingiu os mais pobres, mas não só eles.
00:05:02	Carla (Entrevistada)	Fui funcionária de uma empresa multinacional por quase 20 anos...
00:05:07	Sônia Bridi (Repórter)	Com curso superior e pós-graduação, Carla tinha um cargo de gerência...
00:05:12	Carla (Entrevistada)	E aí veio a crise de 2015. Abalou muitas empresas, e aí diversos cortes aconteceram. O meu cargo foi extinto, e aí então eu fiquei realmente desempregada. Já com uma idade mais avançada, e com a crise no país, e aí ficou realmente uma situação muito difícil de retomada.
00:05:36	Sônia Bridi (Repórter)	Aos 47 anos, era difícil encontrar emprego e muito cedo pra se aposentar. Divorciada, dois filhos, Carla decidiu investir em um negócio que não conhecia: abriu um bar. Durou seis meses.
00:05:51	Sônia Bridi (Repórter)	Quanto das suas economias você botou neste bar que faliu?
00:05:55	Carla (Entrevistada)	Toda a minha economia! Mais de R\$300.000,00.
00:05:59	Sônia Bridi (Repórter)	Tudo o que você tinha?
00:06:00	Carla (Entrevistada)	Tudo o que eu tinha.
00:06:01	Sônia Bridi (Repórter)	Tudo que tinha guardado pra velhice?
00:06:03	Carla (Entrevistada)	Tudo o que eu tinha.
00:06:04	Sônia Bridi (Repórter)	Ficou muito dura a situação depois disto tudo?
00:06:06	Carla (Entrevistada)	Bastante. É difícil até falar isso, mas eu vivi um estado de pobreza, de não ter dinheiro pra pagar a luz, de não ter dinheiro pra pagar o gás, de não ter comida, de não ter como pagar o meu condomínio, até como não pagar minhas contas básicas.
00:06:25	Sônia Bridi (Repórter)	Na recessão, todo mundo perdeu renda. Em média 3%. Mas a pouca recuperação foi desigual: 80% da renda recuperada ficou com os 5% mais ricos.
00:06:37	Rogério Barbosa	Isto mostra um pouco do tamanho do fosso entre os extremamente ricos e extremamente pobres.

	(Pesquisador/ Centro de Estudos da Metrópole da USP)	
00:06:42	Sônia Bridi (Repórter)	O fosso é tão profundo que, no Brasil, o 1% mais rico concentra mais renda dos que os 40% mais pobres. Ou então os 10% mais ricos têm uma fatia maior da renda do que os 80% mais pobres.
00:07:01	Rogério Barbosa (Pesquisador/ Centro de Estudos da Metrópole da USP)	O topo do Brasil, os mais ricos entre os ricos do Brasil são tão ricos quanto os ricos europeus e americanos. Então, quando a gente está pensando numa classe média, a classe média mesmo, quem está no meio, é muito parecido com os mais pobres.
00:07:16	Sônia Bridi (Repórter)	Para muitos, o impacto da crise só não foi maior, porque uma mudança temporária nas regras facilitou a aposentadoria.
00:07:25	João (Entrevistado)	36 anos e cinco meses deu o total.
00:07:28	Sônia Bridi (Repórter)	Em 2016, João se aposentou ganhando quase o mesmo salário de quando estava empregado. E aí este dinheirinho da aposentadoria fez uma diferença, aí?
00:07:38	João (Entrevistado)	Ajudou.
00:07:39	Sônia Bridi (Repórter)	O senhor não sofreu com a crise econômica?
00:07:41	João (Entrevistado)	Na realidade, não.
00:07:43	Sônia Bridi (Repórter)	Ele ainda continuou trabalhando mesmo aposentado. E, em 2018, quando perdeu o emprego, já estava protegido.
00:07:50	João (Entrevistado)	Ah! Eu consegui guardar um pouquinho, sim. Quando fui desligado, em 2018, tinha meu fundo de garantia integral.
00:07:57	Sônia Bridi (Repórter)	E tempo para aproveitar tranquilo as coisas boas que o tempo traz.
00:08:05	Sônia Bridi (Repórter)	Em 2016 e 2017, enquanto durou a facilidade para se aposentar por tempo de serviço, aquelas que têm valor maior do que o salário mínimo, o número de novas aposentadorias disparou e foi um fator de aumento da desigualdade.
00:08:21	Rogério Barbosa	E curioso que a gente não considera que estas pessoas são exatamente ricas, né? É, definitivamente, uma pessoa que recebe

	(Pesquisador/ Centro de Estudos da Metrópole da USP)	R\$ 2.000,00, R\$ 3.000,00, R\$ 4.000,00 não é um milionário e está longe de ser isto, mas o Brasil é um país muito desigual, e estes valores já são concentradores de renda.
00:08:37	Sônia Bridi (Repórter)	Pra diminuir a desigualdade, é preciso primeiro reconhecer que não é só uma questão de mérito. Se todo mundo quer subir na vida, nem todos têm acesso à mesma escada. Algumas pessoas conseguem, sim, ir avançando devagar só com o esforço próprio. Já umas poucas pessoas têm tudo a seu favor. Com boas escolas, uma rede de relacionamentos que ajuda arrumar empregos. Basta um pequeno esforço pra chegar lá. Já pra imensa maioria dos brasileiros esta é uma luta inglória. Não importa o esforço que eles façam, não conseguem sair do lugar. É preciso remover estas forças que ficam sempre jogando eles pra baixo.
00:09:26	Sônia Bridi (Repórter)	Essas forças são muitas. Da falta de acesso à moradia, saneamento, educação. E um racismo estrutural que mantém, principalmente, os pretos nas camadas mais baixas de renda.
00:09:40	Esther Duflo (traduzido)	Um sistema de cotas tem um papel importante e traz vantagens pra todos, negros e brancos.
00:09:48	Sônia Bridi (Repórter)	A francesa Esther Duflo sabe o que fala. Ela ganhou o prêmio Nobel de economia, no ano passado, por ter uma visão inovadora, testar na prática, estratégias para redução de pobreza, como se faz com vacinas, por exemplo.
00:10:03	Esther Duflo (traduzido)	Não deveríamos ter medo de dar dinheiro pros pobres, pois isto não fará deles preguiçosos. Alguns dizem que eles não vão querer trabalhar, mas não há evidências disso. Todo mundo quer trabalhar, ser útil, contribuir. No Brasil, o Bolsa Família é um exemplo, com grande sucesso na redução da pobreza.
00:10:28	Mônica de Bolle (Universidade Johns Hapkins)	É no auge da emergência quando você realmente tem que assistir pessoas, se tem que fazer uma espécie, jogar uma boia no mar porque senão aquelas pessoas vão se afogar dada a situação. É... essa boia, tipicamente é um programa de transferência de renda.
00:10:46	Sônia Bridi (Repórter)	Sem renda, a Cleomar viu o pouco que tinha se perder. A casa, escorada, ameaça cair.
00:10:53	Cleomar (Entrevistada)	Até uma chuinha, fico logo com medo. Fico logo me dá nos nervos. Só isto que eu queria, ajeitar a minha casa, só isto... Desculpa, viu!
00:11:10	Sônia Bridi (Repórter)	E agora tem um neto em casa. A mãe é a filha de 15 anos.



00:11:15	Emili do Nascimento (Entrevistada)	Eu estudava em um colégio particular. Aí minha mãe não pode mais pagar, eu tive que ir pro público. Aí, daí eu não tive mais gosto de estudar. Perdi o interesse.
00:11:27	Sônia Bridi (Repórter)	Criança e adolescente em idade escolar fora da escola são exceção no Brasil, graças também ao Bolsa Família que exige a matrícula dos filhos.
00:11:39	Esther Duffo (traduzido)	Apesar de estarem na escola, as crianças não aprendem. Isto acontece em vários países e acontece no Brasil. É preciso se assegurar de que as crianças não saiam sem o domínio da leitura e dos números. E isto tem consequências. No fim das contas, estas pessoas vão acabar tendo uma remuneração mais baixa do que poderiam se tivessem acesso à educação de qualidade.
00:12:07	Sônia Bridi (Repórter)	O ex-presidente do Banco Central, Armínio Fraga, também vê a educação como investimento e aponta mais um caminho: o da reforma fiscal.
00:12:16	Armínio Fraga (Economista)	Se espera de um sistema tributário que os mais ricos paguem proporcionalmente mais. O nosso sistema não tem essa característica, e os mais pobres consomem mais da sua renda que os mais ricos. E aí se nós formos ao extremo, sei lá, olharmos 1% mais ricos, mais ainda essas pessoas tendem a pagar ainda menos imposto.
00:12:41	Sônia Bridi (Repórter)	A ideia é inverter: quanto mais rico maior o imposto.
00:12:45	Armínio Fraga (Economista)	Não tamo falando em trazer pra cá alíquotas de imposto astronômicas, não é disso, não. É algo assim um pouquinho mais normal, só. Já vai fazer uma enorme diferença.
00:12:57	Sônia Bridi (Repórter)	Esse dinheiro pode ser aquela boia pra quem tenta sozinho tirar a cabeça pra fora da água. Carla prepara sabonete líquido e essências, embaladas em garrafinhas reaproveitadas, como aquelas que Cleomar cata na rua. Beti faz doces pra vender na rua com ingredientes doados. As três, embaladas pela solidariedade, e uma determinação imensa.
00:13:23	Carla (Entrevistada)	Eu acredito que, daqui um ano, a história seja completamente diferente.
00:13:30	Cleomar (Entrevistada)	Tem gente que começa e por um desânimo qualquer para. Eu pretendo continuar.